



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Nos Trilhos de uma Revolução:
As conturbadas relações entre Estados Unidos e União
Soviética (1917-1933)

ALAN MICHEL ALVES RAMOS

Orientador: VIRGÍLIO CAIXETA ARRAES

Brasília — 2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Nos Trilhos de uma Revolução:
As conturbadas relações entre Estados Unidos e União
Soviética (1917-1933)

Dissertação apresentada ao Programa de Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção de título de Graduado no curso de História.

BRASÍLIA — 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História**

Nos Trilhos de uma Revolução:

**As conturbadas relações entre Estados Unidos e União Soviética (1917-
1933)**

ALAN MICHEL ALVES RAMOS

Dissertação apresentada ao Programa de Graduação do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção de título de Graduado no curso de História.

Brasília, 2015

Banca examinadora:

**Professor Dr. Virgílio Caixeta Arraes
(Orientador)**

**Professor Dr. Carlos Eduardo Vidigal
(Membro)**

**Professor Dr. Pio Penna Filho
(Membro externo)**

Ao meu avô, com muito respeito e estima

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem o intuito de discutir as conturbadas relações entre os Estados Unidos e o governo bolchevique no período que compreende os eventos revolucionários, até o reconhecimento diplomático do governo soviético em 1933. O objeto desse trabalho é observar o desenvolvimento das relações impulsionado pelas relações comerciais desenvolvidas na industrialização soviética dos anos 30; A diplomacia de Wilson é mostrada como uma tentativa idealista de promover a paz entre as nações europeias, mas com relação aos soviéticos, o governo norte-americano, curiosamente envia tropas para a intervenção aliada em 1918. Nisso, é possível encontrar as repercussões do movimento revolucionário russo no trabalhismo norte-americano, a retórica bolchevique em relação aos governos capitalistas ocidentais e a necessidade do governo soviético em promover um processo de industrialização como forma de sobrevivência. Os Estados Unidos, nesse processo, entram não só como modelo para os comunistas de desenvolvimento industrial, mas os próprios americanos participam no processo de industrialização soviética. Curiosamente, o Plano Quinquenal e os contratos que o governo da URSS estabelece com empresas norte-americanos são catalisadores para o desenvolvimento de relações diplomáticas entre ambos os países, a partir do de um pensamento pragmático que surge na diplomacia estadunidense em relação a um governo potencialmente hostil, como no caso do governo soviético.

Palavras-chave: União Soviética; Estados Unidos; Revolução Russa; Relações diplomáticas; Plano Quinquenal;

ABSTRACT

This monograph is intended to discuss the troubled diplomatic relations between the United States and the Bolshevik government during the period comprising the revolutionary events, to the diplomatic recognition of the Soviet government in 1933. The object of this work is to observe the development of diplomatic relations driven by commercial relationships developed in the Soviet industrialization of the 30s; Wilson's Diplomacy is shown as an idealistic attempt to promote peace between European nations, but with respect to the Soviets, the US government, send troops to the allied intervention in 1918. In this context, is also interesting the repercussions of revolutionary movement in Russia on the American labor movement, the Bolshevik rhetoric towards Western capitalist governments and the need of the Soviet government in promoting industrialization as a means of survival. The United States, in the process, come not only as a model of industrial development, but the Americans themselves are agents in the Soviet industrialization process. Interestingly, the Five-Year Plan and the agreements that the government of the USSR established with US enterprises are catalysts for the development of diplomatic relations between the two countries, from a pragmatic thought that arises in US diplomacy towards a potentially hostile government as in the case of the Soviet government.

Keywords: Soviet Union; United States; Russian Revolution; Diplomatic relations; Five-Year Plan;

SUMÁRIO

Introdução	8
Capítulo 1: Nos trilhos de uma Revolução.....	13
1.1 A Revolução de Outubro e os Estados Unidos.....	13
1.2 O impacto da Revolução de Outubro no movimento trabalhista norte-americano	19
Capítulo 2: “A hora da luta”.....	26
2.1 Intervenção americana na “Rússia Vermelha”.....	34
Capítulo 3: Distensão	42
3.1 Ajuda norte-americana à fome de 1921	46
3.2. Contratos do governo soviético com empresas norte-americanas.....	48
3.3 Os efeitos da Crise de 1929.....	57
3.4. Reconhecimento diplomático	60
Conclusão.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69
ANEXOS.....	76

Introdução

“As revoluções são as locomotivas da história”

(Karl Marx)¹

Essa metáfora de Karl Marx vista do presente parece um estranho presságio do que viria ocorrer em 1917. A Revolução Russa seria um processo de aceleração da própria história? Após uma exaustiva viagem de quase cem anos da elaboração filosófica, a ideologia comunista enfim saltou do plano teórico de tradição hegeliana para a prática direta tão profetizada pelo próprio Marx.

O significado da Revolução Russa para o Mundo ainda é discutível e com certeza ainda não se findou. No entanto, o desembarque de Lenin na Estação Finlândia em 1917 é um daqueles momentos de ruptura nas grandes representações da História. Contudo é necessário não se perder no entusiasmo da narrativa.

“Os homens fazem a História, mas nunca como a querem”, conforme o próprio Karl Marx. Isso parece ser bastante evidente quando observamos o caso de Lenin, que ainda não era um líder hegemônico dentro do próprio partido e estava submetido às possibilidades que se apresentavam na Rússia após a queda de Nicolau II:

“Camarada Lênin, em nome do Soviete de Petrogrado e de toda a revolução, damo-lhes as boas vindas à Rússia... *porém* consideramos que no momento atual a principal tarefa da democracia revolucionária é defender nossa revolução contra todo tipo de ataque, tanto interno quanto externo. [...] Esperamos que você colabore conosco no sentido de trabalhar para esse fim”².

A despeito da narrativa entusiástica e evolucionista de Edmond Wilson não só de baionetas se constrói um novo Estado e uma sociedade, onde a foice e o martelo tornam possível um sistema construído a partir do nada. Afirma-se do nada, pois a despeito da herança filosófica do pensamento de esquerda seja inegável vestígio dos

¹ MARX, Karl. *The Class Struggles in France, 1848-1850*, IN: Select Works vol. 1. Moscow: Progress Publishers, 1969. CARMONY, Matthew et Mark Harris (reviours). pág. 62. Disponível em: http://www.marxists.org/archive/marx/works/download/pdf/Class_Struggles_in_France.pdf Acesso 22/05/2013.

² WILSON, Edmond. *Rumo à Estação Finlândia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pág. 530.

ecos da Marselhesa, que reverberou sobre os escritos de um Marx maduro, essa trajetória intelectual não necessariamente iria desembocar no desembarque na “Estação Finlândia”.

E talvez seja esse o motivo de tamanha surpresa para os homens do século XIX encontrarem o futuro que os acercava, Lenin modifica o mundo ainda pautado por cavalos e cartolas, onde a política e a diplomacia eram obras de cavalheiros e nobres, o século XIX onde filosoficamente falando é o século de Hegel.

Posturas conflitantes, algumas inicialmente amigáveis à primeira Revolução Russa, de liberalismo tardio, passaram a enxergar a Revolução Russa como uma reprodução do terror jacobino de Robespierre. Esses homens que antes não conheciam a política feita nas fábricas, nos comitês e nos bairros operários, passaram a encontrar um novo tipo de regime: Uma ditadura dos trabalhadores.

Nem Lenin nem seus contemporâneos ocidentais sabiam por onde esses trilhos iriam terminar. A União Soviética era apenas uma possibilidade em meio a um horizonte de expectativas e as limitadas oportunidades que apareceram aos bolcheviques, assim como a consolidação da economia planificada como modelo desenvolvimento soviético é um processo dependente das possibilidades encontradas pelo regime comunista.

O regime soviético dificilmente teria se construído da forma que se construiu sem as suas relações com nações capitalistas de tradição liberal, como os Estados Unidos. A industrialização soviética e sua consolidação como potência industrial foi um dos raros processos na história de desenvolvimento econômico acelerado em menos de dez anos, a isso, desenvolveu-se um novo tipo de diplomacia e intercâmbio internacional a despeito do aspecto ideológico e prático, onde os dois países agiram como parceiros comerciais muito anteriormente ao *Lend-Lease* ou a Segunda Guerra Mundial.

É curioso que os maiores inimigos ideológicos durante a Guerra Fria tenham tido uma história comum em um relativo espaço de tempo, mas mais curioso do que isso, é que a ordem mundial não teria sido a mesma senão houvesse tido a interação entre esses dois países no período do entre guerras.

A monografia está alicerçada em mostrar que a construção do estado soviético é associada a partir de sua própria industrialização, consolidada com mão de obra soviética com o suporte técnico e industrial de nações ocidentais, como os Estados Unidos. O argumento central, bem como a tese, tenta demonstrar que a industrialização soviética impulsionou as relações comerciais com países ocidentais, e por sua vez o desenvolvimento de relações diplomáticas com países de tradição liberal, como o caso dos Estados Unidos.

Para tanto, a monografia em questão divide-se em três capítulos, diagramados conforme uma linha teórica que observa os impactos da Revolução Russa nos Estados Unidos e no trabalhismo americano, no modo como isso influi nas relações entre os dois países, sobretudo no contexto da Guerra Civil, e como essas relações se reinstalam após as dificuldades das relações bilaterais entre os dois governos após a consolidação do regime soviético.

A narrativa da monografia possui um apanhado cronológico que visa ser conciso e direto, a despeito do trabalho com fontes primárias, sobretudo na tentativa de comprovar a plausibilidade de sua tese. Optou-se por uma narrativa de tal maneira por uma questão problemática do arranjo das fontes, sem querer estabelecer um compromisso com uma narrativa evolucionista, a dissertação encara o papel do indivíduo não como um fator decisivo da tomada de ações, mas como um reflexo de imaginário social. Wilson, Reed, Lenin ou Trotsky são encarados como grandes personagens nas narrativas históricas e postulados como agentes nos processos históricos.

Para Marx o indivíduo é um produto que impõe a fantasia dos próprios pensamentos da essência do homem, pois, “até o presente os homens sempre fizeram falsas representações sobre si mesmos, sobre o que são ou deveriam ser”³ “Toda historiografia deve partir destes fundamentos naturais e de sua modificação no curso da história pela a ação dos homens”⁴.

“A diferença entre o indivíduo como pessoa e o individuo naquilo que tem de acidental, não é uma diferença conceitual, mas um fato histórico”⁵, onde a atividade

³ MARX, Karl. Ideologia Alemã. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. 5º edição. p. 17.

⁴⁴ Idem, p. 27.

⁵ Idem, p. 27 110.

individual é produto das suas próprias formas de intercâmbio com sua vida material e o desenvolvimento das forças produtivas no interior da sociedade.

Entretanto, mesmo o indivíduo sendo imposto sendo tratado por Marx como um objeto que introduz um fetichismo que cega com “estas fantasias inocentes e pueris (que) formam o núcleo da atual filosofia neo-hegeliana” é bom ressaltar que o próprio Marx acredita é incisivo: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade”.⁶

As circunstâncias dessa narrativa levam a crer numa narrativa direcionada numa história de grandes homens, entretanto não reflete o objetivo do próprio trabalho que é mostrar o cenário que levou as decisões dos dois governos mediante ao cenário político existente e às próprias discordâncias que moldaram as relações entre soviéticos e americanos.

O primeiro capítulo tem a proposta de apresentar a Revolução Russa em dois aspectos: O primeiro é relacionado à percepção que a imprensa norte-americana e a diplomacia possuem sobre a Revolução de Outubro, o segundo é a percepção que o movimento trabalhista norte-americano adquire com os eventos revolucionários.

O segundo capítulo apresenta a imagem do cenário da Guerra Civil Russa e a decisão da administração Wilson em optar pela intervenção americana na Rússia, movida por opiniões inflamadas nos veículos de imprensa norte-americanos. Neste capítulo, observa-se a opinião soviética acerca da ação estadunidense em solo russo.

O terceiro é relacionado à diplomacia que se constrói após a intervenção americana na Rússia, impulsionada pelas relações comerciais entre os soviéticos e empresas americanas. Neste capítulo, é possível observar a construção da retórica bolchevique em relação aos contratos com empresas norte-americanas e na percepção do regime soviético de promover a industrialização como meio de consolidação do governo.

O capítulo terceiro ainda tenta mostrar a distensão entre URSS e Estados Unidos pós-Crise de 1929 e a decisão da administração Roosevelt em reconhecer diplomaticamente os soviéticos após uma sucessão de governos republicanos.

⁶ MARX, Karl. 18 de Brumário. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. p. 25.

O intuito deste trabalho é mostrar como as relações comerciais entre esses dois países foram importantes na promoção do desenvolvimento industrial soviético e como a economia impulsiona as relações diplomáticas entre países de tradições tão distintas.

Capítulo 1: Nos trilhos de uma Revolução

Quando Lenin desembarcou depois da exaustiva viagem de trem através dos rios de sangue da Primeira Guerra, suas pretensões ainda não eram claras: a instalação de um novo regime político na Rússia era uma coisa recente frente aos trezentos anos de autocracia. O profundo desgaste da própria estrutura tradicional russa mostrou a incapacidade do regime em se adequar aos novos tempos.

O regime liberal russo mostrou-se incapaz de responder às necessidades imediatas de uma sociedade em transformação. A Revolução Russa é um caldeirão revolucionário de profusões de ideias e pensamentos que resultou em embates tão acalorados que a instalação de um regime provisório não aquietou os ânimos dos bolcheviques “que gritaram: ‘Vejam até onde os mencheviques e os socialistas revolucionários nos levaram com a sua política de compromissos’”⁷.

1.1 A Revolução de Outubro e os Estados Unidos

No plano diplomático, os Estados Unidos historicamente mantinham relações amistosas com a Rússia, iniciadas principalmente após a compra do Alasca, as relações entre os dois países, ainda que incipientes, se notabilizaram após a Guerra dos Boxers. Em 1905 foi a diplomacia norte-americana a grande responsável pela mediação da paz entre a Rússia e o Japão em que desembocaria o prêmio Nobel ao presidente Theodore Roosevelt⁸.

As atitudes iniciais após a eclosão da Revolução de Fevereiro são de entusiasmo à própria entrada de um regime de ideologia liberal e democrática na Rússia, mas o próprio desconhecimento norte-americano desse aliado é notável na observação dos eventos revolucionários russos após a queda da autocracia.

As atitudes do governo revolucionário que assumiu em novembro de 1917⁹ assombraram os diplomatas americanos em virtude do rompimento direto dos

⁷ REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Porto Alegre:L&PM, 2010, pág. 60.

⁸ BASCOMB, Neal. *O Encouraçado Potemkin — 11 dias decisivos do motim vermelho de 1905*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. pág. 345.

⁹ A afamada Revolução de Outubro na verdade, pelo calendário gregoriano, aconteceu em 7 de novembro de 1917, com a tomada do Palácio de Inverno pelo Comitê Militar Revolucionário liderado por Antonov-

bolcheviques de qualquer projeto de governo liberal e democrático. Tanto que os americanos se tornam atores diretos na fuga de Kerensky e no apoio ao governo provisório.

“Kerensky ordena que trouxessem o 'maravilhoso automóvel de passeio conversível'. [...] 'Não sei como a notícia de minha partida chegou ao conhecimento das embaixadas aliadas'. Os representantes da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos expressaram o desejo de que o chefe de governo que fugia da capital 'colocasse sobre o automóvel a bandeira americana’”¹⁰.

A medida tomada pela embaixada americana provavelmente foi uma precaução para que a fuga de Kerensky se desse com menos transtornos, afinal com a bandeira norte-americana nas laterais, o carro poderia passar como de representação diplomática e teria imunidade. Conforme o próprio livro *Dez dias que abalaram o mundo*, essa prática tornou-se comum inclusive como forma de transporte de armas para o governo.¹¹

Mas a despeito das justificativas do representante diplomático dos Estados Unidos à época, David Francis, o fato é que Kerensky fugiu da capital com uma viatura da embaixada enquanto toda a população assistia a fuga da Revolução de Fevereiro¹². O suporte direto da diplomacia americana nesse evento não era de forma alguma circunstancial, o nascimento de um governo de inspiração marxista na Rússia era também um foco de tensão nos próprios Estados Unidos, com um crescente movimento laboral em ascensão. O suporte e apoio dos americanos a Kerensky tinha uma justificativa lógica.

Quanto a isso é compreensível que à entrada do novo governo revolucionário na Rússia trouxe dilemas referenciais à administração Wilson, não só em lidar com um governo potencialmente agressivo, mas também no trato com o poder soviético que logo imediatamente escrevinha uma série de decretos de expropriação de propriedades e contrários à diplomacia secreta. A *Declaração aos Povos e aos Governos de todas as nações beligerantes* escrita em meados de novembro de 1917 é um documento que reafirma as preocupações dos governos ocidentais.

A ruptura do governo bolchevique com qualquer hipótese de continuação com a guerra, manutenção da diplomacia secreta ou a anexação de territórios em meio ao

Oevseenko, contudo, pelo calendário Juliano, ainda em uso no período imperial, a Revolução ocorreu em 22 de outubro, devido à defasagem de 13 dias desse calendário frente ao gregoriano.

¹⁰ TROTSKY, Lev. *A História da Revolução Russa. Vol. III*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. Pág. 902

¹¹ REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Penguin Books, 2011. Pág. 247

¹² Idem.

contexto da Primeira Guerra Mundial¹³ poderia trazer eventos danosos ao esforço de guerra aliado. E a proposta do regime bolchevique para o armistício e uma conferência para discutir a paz, que por imediatamente foi rechaçada pelos próprios aliados¹⁴ como infantilidades diplomáticas do novo governo russo.

Em todo caso, o presidente Woodrow Wilson iria incorporar alguns desses elementos nos 14 Pontos uma proposta notoriamente menos radical, que almejava a abolição da diplomacia secreta, a redução dos armamentos nacionais, a restituição dos territórios conquistados, mas notoriamente carregada de uma ideologia de base liberal e basicamente idealista¹⁵

A assinatura dos acordos de Brest Litovsky pelo governo bolchevique trouxe indignação na repercussão pública, principalmente na França e Inglaterra. Os americanos, por outro lado, acabavam de entrar no esforço de guerra e a perda de um aliado traria graves consequências às relações entre os dois países, o fato é que a cobertura jornalística representava grande desconhecimento dos americanos sobre eventos na Rússia, como exemplifica um artigo do The New York Times de 2 de dezembro de 1917:

“As notícias dos memoráveis acontecimentos sob a liderança direta de Nicolai (sic) Lenine atingiram o país em 6 de novembro. O Conselho dos Trabalhadores e Soldados de Petrogrado sob a liderança de Trotzki (sic) declarou o Governo Provisório deposto e um novo governo a ser criado pelos delegados dos soldados e trabalhadores. Em um discurso ao conselho, Lenine (sic) delineou como a segue os dois principais princípios do novo governo “radical”: Primeiro, um armistício como um estágio preliminar para a paz; segundo, a entrega das terras ao campesinato. Uma proclamação ao exército anunciou: “Nós depomos sem carnificina o governo que levantou-se contra a revolução”¹⁶

No jornal desse dia há uma série de considerações e artigos destacando inclusive todo o cenário da Revolução, explicando os atores políticos na Rússia, a repercussão da queda do governo provisório e editoriais concisos que salientavam o que acontecera na Rússia. O jornal continua:

¹³ Idem, pág. 188-189.

¹⁴ Idem, pág. 189.

¹⁵ O discurso estabelecido em 8 de janeiro de 1918 está disponível em: <http://www.ourdocuments.gov/doc.php?flash=true&doc=62>. Acesso em: 17/05/2015. 01:37.

¹⁶ OLGIN, Moissaye J. *BOLSHEVIKI'S CHIEF Records and Theories of Nicolai (sic) Lenine*. “He Mistakes the Creation of his Mind for Realites” Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F30B17FC355E11738DDDAB0894DA415B878DF1D3>. Acesso em 12/03/13, 18h50min.

Esse poder de convicção casou-se com uma grande quantidade de conhecimento positivo e um alto degrau de bravura pessoal, fizeram de Nicolai Lenine (sic) um líder da facção socialdemocrata.

Sua primeira aparição na vida pública russa foi feita há vinte e dois anos atrás como um economista intimamente familiarizado com as estatísticas russas. Isso acontecia na época em que a economia russa estava profundamente absorvida entre Narodinki (populistas) e marxistas”¹⁷

A exaltação de Lenin passou a ser uma esfera narrativa que não se pode ignorar em outras obras jornalísticas e históricas. Esse fenômeno insere questionamentos sobre o papel do indivíduo na História e de maneira tão peculiar foi mostrada em *Dez dias que abalaram o mundo*, de John Reed.

John Reed era uma figura diferente das demais, jornalista de cobertura de fronteira, notório membro radical da esquerda norte-americana, Reed chega em agosto de 1917, à Rússia e inicia sua cobertura para o *The Masses*. Até o momento pouco se sabia do que acontecia na Rússia, mas ele “traz um relato preciso e extraordinariamente vivo dos acontecimentos significativos para a compreensão do que são realmente a Revolução Proletária e a Ditadura do Proletariado”¹⁸.

A imprensa norte-americana assistiu a Revolução de Outubro com estranhamento afinal era incompreensível o motivo para o abandono da guerra por parte dos russos. Quanto a isso, Reed tem um esforço muito claro de tentar inserir os leitores no contexto da Revolução Russa e mostrar realmente quem é Lenin, Trotsky ou o que foi a tomada do Palácio de Inverno.

“Um Guarda Vermelho grandalhão chamado Vladimir Nikolaievich, encheu-me de perguntas sobre os Estados Unidos. ‘Por que os Estados Unidos entraram em guerra? Os operários norte-americanos estão dispostos a derrubar os capitalistas? Como anda o Mooney? Berkman será extraditado para São Francisco?’, entre outras perguntas difíceis de responder todas elas lançadas aos gritos em meio à barulheira do caminhão.”¹⁹

É um tanto curiosa tal citação no trabalho de Reed, sobretudo no destaque ao Guarda Vermelho sobre questões da política norte-americana. Reed talvez tenha se excedido para demonstrar o grau de interesse que os russos tinham pelos Estados Unidos; ou talvez tenha aproveitado a ocasião para esboçar uma série de críticas ao próprio contexto americano.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Prefácio à edição americana de *Dez dias que abalaram o mundo*. Publicada em 1926.

¹⁹ REED, John, op. Cit., p. 301..

Em todo caso, Reed cumpre o seu papel na cobertura dos eventos na Rússia e a sua narrativa direta, sucinta e vibrante, inundada de informações por vezes é bastante densa, entretanto a obra deve ser analisada com atenção: o estilo narrativo é diferenciado e embora se utilize de fontes, não pode ser encarada como uma narrativa histórica, mas como um esforço narrativo contextualiza de maneira decente os eventos vibrantes da Revolução de Outubro ao público norte-americano.

A cobertura de John Reed sobre a Revolução em questão poderia ser recheada de palavras, mas não parecia convencer muito bem nos Estados Unidos. A obra foi censurada inicialmente nos Estados Unidos, partes dos manuscritos de Reed foram confiscados pelo governo norte-americano quando Reed desembarcou nos Estados Unidos e alguns trechos tiveram que ser escritos posteriormente.²⁰

A Revolução Russa tornou-se foco de imensos artigos publicados pelos semanários da imprensa norte-americana, carregados de discursos inflamados contra as declarações dos bolcheviques de declarar paz em separado com os alemães, expropriação das terras e criação de uma sociedade sem classes. O artigo incisivo do senador William Borah, de Idaho, no dia 2 de dezembro, é revelador: Borah se perguntava se os aliados deveriam abandonar a Rússia, estabelecendo a primeira proposta para a intervenção americana na Rússia, valendo-se de um uso demagógico do espírito civilizatório norte-americano:

“Fizemos tudo como uma nação humana e amante da liberdade para que nós possamos deixar este nobre povo lutando na cegueira e na loucura de ser livre? Vamos abandoná-los para si e para as maquinacões das atividades poderosas e onipresente da Propaganda alemã?”²¹

O artigo apelava para o dever dos americanos em intervir na Rússia para que o “povo amante da liberdade” como o norte-americano não poderia deixar os russos sozinhos no meio das “manipulações” dos alemães. Enquanto os americanos estivessem lutando por democracia não se poderia admitir as negociações de paz em separado.

²⁰ **REED, Agitator on Rússia** do The New York Times, Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F70B12F93A5E11738DDDAB0A94D9415B878DF1D3> Acesso em: 20/03/2013. 17:58.

²¹ Artigo do The New York Times, de 2 de dezembro de 1917, intitulado *Shall we abandon Russia? An argument that the United States is in position to prevent Slav Chaos from Helping Germany*. Do senador de Idaho William E. Borah. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F50B16FC355E11738DDDAB0894DA415B878DF1D3>. Acesso em 20 /03/ 2013, 16:54.

“Os alemães entenderam bem que o povo russo iria instintivamente voltar-se para a consideração dos seus próprios assuntos internos — para a distribuição da terra, o sonho de anos, e a reabilitação dos assuntos econômicos” e que estariam se aproveitando da boa vontade russa.²²

“Não podem os Estados Unidos fazerem alguma coisa? Fizemos tudo o que podíamos ter feito, podemos simplesmente nos virar de lado, amaldiçoar os poucos líderes e esquecer a massa do povo? Devemos nos contentar com anatematizar os bolcheviques e fechar os ouvidos para os lamentos das massas? É inútil tentar? Cabe a nós exercer a nossa influência. Devemos enviar homens poderosos para lidar com tais situações, não para uma visita, mas para ficar até que a ordem seja trazida sobre o caos. Devemos determinar a derrota para Alemanha neste jogo, caso contrário teremos alguma dificuldade em derrotá-la no campo de batalha.”²³

A extensão das práticas intervencionistas americanas teria desdobramentos diferentes, justificadas pela tentativa de “salvar” a Rússia da anarquia. As reivindicações bolcheviques pela paz foram classificadas como “sugestões impraticáveis” e que “nenhum esforço foi feito para levar os seus pensamentos aos canais certos”. O que é uma enorme mentira, já que desde maio de 1917 o próprio Soviete de Petrogrado já tinha solicitado a Paz, e o governo provisório tinha sinalizado para a abertura de uma conferência de Paz, ideia rechaçada pelos embaixadores estrangeiros²⁴

“Nós simplesmente não podemos como seres humanos e um povo cristão fechar nossos olhos para a situação na Rússia e deixá-la ir a um caminho desastroso”.²⁵

A narrativa parece desqualificar as conversações de paz soviéticas e invocar a ideologia democrática e religiosa é por si só um elemento retórico que viria a ser utilizado contra os bolcheviques pelos Aliados. No dia 2 de dezembro, Trotsky alertou aos aliados para não interferirem nas conversações de paz que se realizavam com os

²² Idem.

²³ Idem.

²⁴ REED, Pág. 72.

²⁵ BORAH, op. cit. O apelo religioso do senador à intervenção na Rússia é uma marca da política norte-americana nesse período onde o aspecto religioso era elemento de legitimação das ações do governo, bem como respaldo político para a intervenção em outras partes do mundo. Na Guerra dos Boxers esta interpretação já tinha aparecido.

alemães²⁶, mesmo que isso fosse uma violação do Tratado de Londres²⁷.

1.2 O impacto da Revolução de Outubro no movimento trabalhista norte-americano

Na classe laboral, a Revolução Russa trouxe repercussões diretas no movimento trabalhista norte-americano, cuja tradição se inicia nas últimas décadas do século XIX, com o desenvolvimento intenso da industrialização americana no Norte após a Guerra de Secessão. As organizações laborais, até meados de 1917, dividiam-se em três e o incipiente movimento trabalhista norte-americano era obrigado a lidar com os atritos frequentes entre as três organizações conflitantes.

A mais antiga dessas organizações era a *Socialist Labor Party*, que a despeito de ser enquadrada como ortodoxa, mantinha uma ideologia de caráter reformista, em conformidade com as formulações da Segunda Internacional. Já a *American Federation of Labor* (AFL) tinha maior número de associados e mantinha uma ideologia muito forte à organização do movimento laboral em *labor unions* regionais. A terceira organização, a *Industrial Workers of World* mantinha uma postura bastante crítica à AFL, diante da postura desta associação diante à Primeira Guerra Mundial, interpretando inclusive que a AFL trouxe um “sindicalismo de ofício que aceitou o capitalismo e deixou muitos trabalhadores desorganizados”²⁸

O fato é que a classe laboral americana, a despeito de sua proatividade no final da década de 1910, mantinha-se em relativo grau de desorganização, no entanto, salienta-se que esse não era incomum na Europa.²⁹

O Partido Socialista Americano, criado em 1901, era sem dúvida, a maior organização americana de cunho socialista, e tinha desbancado o *Socialist Labor Party*

²⁶ Artigo intitulado: *Trotsky warns to Entente Allies not to interfere — Bolsheviks resent protest by American and French missions against separate truce*. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F00E1EFB385F1B7A93C1A91789D95F438185F9>. Acesso em: 20/03/2013. 17:42.

²⁷ Pelos termos expressos no tratado estavam proibidos acordos de paz separados com as potências centrais como explica: DAVIS, Donald E. et TRANI, Eugene P. *The first Cold War: the legacy of Woodrow Wilson in US-Soviet relations*. Columbia: University of Missouri Press, 2002. pág. 63.

²⁸ ZUMOFF, Jacob. *The Communist International and US Communism, 1919-1929*. Leiden: Brill Academic Publishers, 2014. P. 25.

²⁹ Basta ler a crítica de Lenin a Karl Kautsky e Bernstein feita no *O que Fazer?* de 1905.

no número de associados em meados da década de 1910.³⁰ Representativamente o Partido Socialista Americano (PSA) se notabilizava pela defesa de reformas e a inserção do partido no sistema eleitoral americano. O PSA tinha apoio declarado de várias lideranças da AFL, no entanto o próprio partido passou a ter o questionamento interno com a eclosão da Primeira Guerra.

A Guerra trouxe uma polarização no PSA, a postura americana pela neutralidade fez com que o próprio movimento se mantivesse contrário à guerra, ao contrário dos partidos socialdemocratas nos países beligerantes. Em 1915, o partido acaba rompendo com a Segunda Internacional após os seus esforços para impedir a adesão dos outros movimentos socialdemocratas na “guerra imperialista”.³¹

E um sentimento contrário à guerra manteve-se forte, sobretudo aos delegados estrangeiros do PSA, formando uma ala antibeligerante dentro do Partido; Em abril de 1917, os socialistas, após uma convenção, elaboram o Manifesto de Saint Louis pelo qual reafirma o seu compromisso de manter-se contrário à guerra e declarando que “O único conflito que justificaria os trabalhadores a pegarem em armas é a grande luta das classes trabalhadoras do mundo para se libertarem da exploração econômica e da opressão política”³²

Entretanto, alguns elementos de cunho mais conservador dentro do movimento trabalhista americano e do próprio partido socialista muitas vezes ignoravam ou mantinham-se intocados pela diretriz partidária contrária à guerra, até tomarem as diretrizes como inconvenientes. Com a entrada norte-americana na Guerra, e assinatura do *Espionage Act*, o que se observou foi o esvaziamento do movimento socialista americano, com as prisões de membros do Partido Socialista promovidas pelo próprio governo americano sob a alegação de espionagem.³³

A formulação de um Partido Socialista Americano, bem como as associações trabalhistas com cunho socialista, passou a ser foco das preocupações das autoridades americanas, principalmente após as greves laborais que ocorreram em Chicago e Nova Iorque na virada do século. A justiça americana e os órgãos estatais de segurança passaram a tratar questões políticas a partir da esfera criminal, iniciando uma série de

³⁰ Idem.

³¹ Idem, p. 26.

³² Ibidem, p. 27;

³³ Idem, p. 28.

perseguições, sobretudo à ala de esquerda do Partido Socialista Americano. O próprio John Reed foi investigado pela justiça norte-americana, Reed “um dos contribuidores à revista conhecida como as “Massas”, (juntamente com) os proprietários e editores da mesma (revista) foram indiciados na segunda-feira pelo Grande Júri Federal”, enquanto estava na Rússia.³⁴

A alegação era que no jornal de Reed “foram identificados com ‘grupos radicais’ nesse país” e “ele é cotado como apoiador do movimento bolchevique na Rússia”, por essa razão os membros do jornal deveriam pagar multas de até cinco mil dólares cada por violarem as leis de período de guerra.³⁵

O movimento socialista norte-americano, ainda que seja mostrado como fraco³⁶, tinha evidentes contatos com os movimentos socialistas internacionais, visto que 53 % de seus membros eram de origem estrangeira, dos quais 20 % eram de origem eslava.³⁷ Muitos desses imigrantes fizeram parte do movimento revolucionário russo e em meados de Julho de 1912, o próprio Lenin mantinha contatos com os socialistas norte-americanos. Durante a guerra, duas lideranças bolcheviques proeminentes, Nikolai Bukharin e Aleksandra Kollontai estiveram nos Estados Unidos, assim como Trotsky, no entanto ao que tudo indica a influência russa no socialismo norte-americano antes da Revolução parece ser mínima.³⁸

Em todo caso, a despeito do caráter mínimo da influência russa no movimento socialista norte-americano antes da guerra, fundações socialdemocratas russas foram fundadas em solo-americano, e muitas lideranças estrangeiras, acabaram auxiliando na criação da *Socialist Propaganda League* que em outubro de 1915, escreveu uma crítica dura ao Partido Socialista Americano que “afastou-se das táticas revolucionárias e democráticas para aquelas da burocracia e da reforma”³⁹

A AFL e o Partido Socialista Americano não eram completamente sensíveis às questões raciais que separavam os grupos laborais americanos, o comunismo americano

³⁴ Fato descrito no artigo *REED, Agitator on Russia* do The New York Times, Disponível em: http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F70B12F93A5E11738DDDAB0A94D9415B878_D_F1D3 Acesso em: 20/03/2013. 17:58.

³⁵ Idem.

³⁶ RECORD, Wilson. *The Negro and the Communist Party*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1951. pág. 14.

³⁷ Zumoff, pág 29.

³⁸ ZUMOFF, Pág. 29

³⁹ Pág. 30.

“interpretava mal os sinais de agitação laboral e racial nos Estados Unidos, e sobre o encanto carismático do movimento russo, os comunistas prepararam, ao menos no papel, um programa extremamente ambicioso para a realização imediata da revolução proletária”⁴⁰. Sendo criticada de um lado pela sua proposta reformadora, pela sua burocracia de um lado, e por outro pela sua não sensibilidade em relação às questões raciais e étnicas dentro do movimento trabalhista americano, a socialdemocracia americana sofreria o impacto da ruptura após a Revolução de Outubro.

O movimento socialista americano, representado pelo PSA, que anteriormente pregava a solidariedade do trabalho a despeito das origens de seus afiliados sofreria uma reviravolta:

“A Federação Americana do Trabalho (que) inicialmente enfatizava a unidade do trabalho, independentemente da raça, e até se recusou a organizações afiliadas aderir a políticas discriminatórias” passou a instituir um sistema de segregação dos seus próprios membros.⁴¹ O racismo no movimento trabalhista norte-americano acaba sendo bastante criticado no interior do Partido e posteriormente por críticos externos, o fator racial continua sendo preponderante na divisão da classe laboral americana.

Poucos americanos realmente conheciam Trotsky ou Lenin, muitos viam a Revolução de Outubro como uma mera continuação da Revolução de Fevereiro⁴², mas com a tomada do poder pelos bolcheviques, demonstrou-se a possibilidade da revolução socialista, e muitos membros da ala de esquerda do Partido Socialista Americano manifestaram sua crescente insatisfação com o partido.⁴³ Esses membros, posteriormente, irão romper com o partido e formar o Partido Comunista Americano, do qual o próprio John Reed será um dos atores principais do processo.

Enquanto a construção da ordem soviética se inicia a passos vagorosos, a luta laboral nos Estados Unidos continua amarga, a despeito das agências norte-americanas terem reconhecido as *labor unions*, o governo que tinha iniciado as perseguições aos grupos mais radicais no movimento trabalhista americano, passou a recompensar aqueles que “apoiaram o esforço de guerra”.

⁴⁰ RECORD, p. 14.

⁴¹ Idem, p. 8.

⁴² ZUMMOFF, p. 34.

⁴³ Idem.

A própria ordem da sociedade norte-americana, construída no pós-guerra, estaria ameaçada com a entrada de novas ideias, sobretudo nas porções industriais do país, de maneira que o “socialismo científico” continuaria a ter sua influência combatida na Costa Leste dos Estados Unidos, a despeito de os bolcheviques não resultarem imediatamente um perigo físico aos aliados, o crescimento do movimento trabalhista norte-americano imediatamente após a Revolução Russa, trouxe uma série de preocupações aos industriais norte-americanos e ao governo. O *Red Scare*, o medo da sociedade americana pelo comunismo é um fenômeno que nasceu na década de 1920, após mais de quatro milhões de trabalhadores entrarem em greve no ano de 1919, num movimento que ia

“ao encontro ao contexto da Rússia, as greves pareciam indicar aos socialistas ávidos, como aos preocupados capitalistas, que a revolução ao estilo bolchevique se aproximava. Para o governo isso era pretexto para o aumento da repressão do movimento operário e socialista”⁴⁴

Em 22 de janeiro de 1919, uma grande greve geral eclodiu na cidade de Seattle, iniciada nos estaleiros da cidade e que praticamente paralisou a cidade por quase três semanas, tomando proporções inimagináveis, o grau de histeria da população da cidade era tamanho, que o jornal local, *Seattle Star*, escreveu no dia 31 de janeiro de 1919, no auge da greve:

“Seattle não será crucificada!

Hoje a segurança de Seattle, sua esperança de crescimento futuro, é posta em perigo por causa de uma disputa entre os proprietários de navios e os trabalhadores navais [...] Nós ouvimos as vozes dos grevistas, e nós devemos ouvir a voz de Seattle e a sua grande massa de pessoas que dizem:

“Seattle não será demolida

“Seattle não será crucificada na cruz bolchevique, nem na cruz dos aproveitadores

Essa é uma cidade americana. Não é um centro bolchevique, como alguns empregadores acreditam. Tampouco é uma cidade onde os capitalistas podem tirar o último centavo dos trabalhadores [...] Seattle está sob o governo dos Estados Unidos da América, e Seattle irá demandar e irá conseguir a proteção que o governo garante.

Nenhum grevista ou proprietário de navios deve pensar que o governo irá mandar seu exército para cá de Camp Lewis meramente para preservar a ordem enquanto a cidade jaz prostrada.

Quando o governo age, seus braços fortes também terão uma mão na solução da disputa.

⁴⁴ Idem, Pág. 35

*Vocês marinheiros, construtores e trabalhadores, farão bem em resolvê-la prontamente. Para que Seattle não seja destruída*⁴⁵

Os jornais da Costa Leste já se mostravam mais receosos quanto à mediação federal em Seattle:

“Henry M. White, Comissário Federal de Imigração, que está agindo como mediador na greve aqui de 25000 trabalhadores dos estaleiros, declarou que ele não acreditava que havia em uma expressão honesta foi obtida dos trabalhadores na greve dos estaleiros[...] Intervenção federal nessa época é impossível, ele disse, porque não há nada a mediar”⁴⁶

Sucessivas greves surgiram coordenadas pela *American Federation of Labor* em Nova Iorque, Boston e em Chicago, quaisquer que fossem os atos de violência passaram a ser interpretados como possíveis atos de ação bolchevique, inclusive, brigas de gangues rivais nas cidades, mas a despeito do pânico geral trazido pela cobertura da imprensa sobre a população, inclusive teorias conspirativas de que os socialistas estavam incitando as populações negras a se sublevarem contra os brancos no Sul dos Estados Unidos⁴⁷, boa parte das notícias correram o ano de 1919 em virtude da campanha presidencial de 1920 na sucessão do presidente Wilson, da qual os republicanos saíam vencedores.

O fato é que a despeito do aumento da repressão e da perseguição à classe trabalhadora americana, ceifada de seus direitos após a guerra, o impacto da Revolução de Outubro, mesmo que tímido, trouxe um novo cenário à classe trabalhadora norteamericana. A sindicalização da classe laboral americana cresceu, com a organização de um partido de formação marxista-leninista.

A melhoria das condições laborais, bem como o reconhecimento das *labor unions*, podem ter sido efeitos causados pelo apoio da AFL ao governo americano durante a guerra, mas não se desconsiderar os efeitos do *Red Scare* nos Estados Unidos na década de 1920.

⁴⁵ *The Seattle star*. (Seattle, Wash.), 31 Jan. 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. <<http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn87093407/1919-01-31/ed-1/seq-1/>> Acesso: 04/06/2015.

⁴⁶ *New-York tribune*. (New York [N.Y.]), 01 Fev. 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1919-02-01/ed-1/seq-4/>. Acesso em 04/06/2015.

⁴⁷ The New York Times, 28 de julho de 1919. REDS TRY TO STIR NEGROES TO REVOLT; Widespread Propaganda on Foot Urging Them to Join I.W.W. and 'Left Wing' Socialists. Disponível em: <http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E07E0D71638E13ABC4051DFB1668382609EDE> Acesso: 04/06/2015

Deve-se destacar, no entanto, que a instabilidade interna, sobretudo do governo americano em relação ao movimento trabalhista americano, possa fundamentar a contrariedade inicial do presidente Woodrow Wilson em intervir na Rússia, mas como se pode observar no próximo capítulo, havia grupos dentro dos próprios EUA que se mostraram terminantemente favoráveis à intervenção norte-americana na Rússia como forma de salvaguardar a ordem vigente e um meio de impedir o florescimento de um sindicalismo forte capaz de desafiar interesses econômicos nas grandes capitais americanas, impulsionando as decisões futuras do próprio governo Wilson na Rússia.

Capítulo 2: “A hora da luta”⁴⁸

“Levanta-te Rússia, do seu escravo cativo

O espírito da vitória chama: Hora da luta!

Ergam as bandeiras de batalha

Pela Verdade, Beleza e Bondade”⁴⁹

Com a proximidade do final da guerra, o presidente norte-americano Woodrow Wilson mostrou-se preocupado com relação às conversas entre os dirigentes soviéticos e alemães no Tratado de Brest-Litovsky, como revelam seus **14 Pontos**⁵⁰:

“Uma vez mais, como repetido anteriormente, os porta-vozes dos Impérios Centrais indicaram o seu desejo de discutir os objetivos da guerra e da possível base de uma paz geral. Conversas estão em curso em Brest-Litovsk entre os representantes russos e os representantes das Potências Centrais para que a atenção de todos os beligerantes seja levada à finalidade de se verificar se é possível estender essas conversas em uma conferência geral em relação à termos de paz e de liquidação”

Para Wilson, *“os representantes russos apresentam não apenas uma declaração perfeitamente definida dos princípios sobre os quais eles estariam dispostos a concluir a paz, mas também um programa igualmente definitivo da aplicação concreta desses princípios”*, entretanto as potências da própria Entente não apresentaram um programa resoluto sobre a paz e não tinham apresentando grandes considerações a respeito da *“soberania da Rússia e das preferências das populações cujos destinos tratava”⁵¹*.

O presidente americano considerou que *“Os representantes russos foram sinceros e honestos”*, assim, se justificava o fato de que *“eles não podem entreter essas propostas de conquista e dominação”*, e que as negociações de paz foram interrompidas em virtude da ganância *“dos líderes militares (alemães) que não têm nenhum pensamento”* em prol da paz.

⁴⁸ Inspirado na canção logo abaixo.

⁴⁹ Trecho traduzido da canção russa Прощание славянки (“Adeus das mulheres eslavas”), canção de apelo patriótico datada de 1912 que foi utilizada como hino não oficial do Exército Branco. Disponível em: http://www.stanford.edu/class/slavgen194a/audio/proshchanie_slavianki2.htm

⁵⁰ Os primeiros parágrafos dos 14 Pontos que Wilson declamou ao congresso norte-americano no dia 8 de janeiro de 1918 aparentemente foram suprimidos de alguma forma da maior parte dos veículos acadêmicos, o que revelou a minha dificuldade inicial em encontrá-los. Mas a despeito disso, eles foram publicados na imprensa da época. O texto no caso foi publicado no The New York Times de 8 de janeiro de 1918, disponível em <http://query.nytimes.com/mem/archivefree/pdf?res=F60711FA385B11738DDA00894D9405B888DF1D3> . Acesso em 22/03/2013.

⁵¹ Idem. Acesso 22/03/2013

Wilson é apresentado pela a historiografia como um político idealista “amante da paz” . O seu discurso possui relativa cautela ao falar sobre os revolucionários russos, mas deve-se ponderar que o presidente não discursava russos em si, mas para os seus aliados e para o seu próprio povo.

No curso dos eventos revolucionários, os próprios diplomatas norte-americanos assumiram uma postura de neutralidade do discurso era como forma de acalmar os ânimos, sem com isso desvencilhar-se de seu papel de acusar a diplomacia alemã e, sobretudo, a “inexperiência diplomática” bolchevique. Wilson elegantemente reafirma seus pontos com uma falsa atmosfera de imparcialidade:

“Os representantes russos insistiram, muito justamente, muito sabiamente, e no verdadeiro espírito da democracia moderna, que as conferências que eles têm mantido com os estadistas teutônicos e turcos deveriam ser realizadas em aberto, não a portas fechadas, e todo o mundo tem sido público, como era desejado”⁵²

Mas, a despeito desse fato “*quaisquer que sejam os resultados das conversas em Brest-Litovsk, independentemente das confusões de conselho e do propósito das declarações dos porta-vozes dos Impérios Centrais*”, para Wilson, não há outra coisa que os representantes alemães, austríacos e otomanos desejassem fazer do que “*tentar convencer o mundo com seus objetivos na guerra e, mais uma vez desafiar seus adversários para lhes dizer o que seus objetivos são e que tipo de solução que eles considerem justa e satisfatória*”.⁵³

Para o presidente Wilson, qualquer paz assinada pelos russos seria insatisfatória, sobretudo, por causa da ação dos representantes das Potências Centrais, mas deve-se enumerar que a própria atitude dos representantes diplomáticos aliados também era um empecilho até as propostas wilsonianas de criação de uma futura ordem mundial.

A recusa inicial de elementos revolucionários russos em iniciar conversações de paz com os alemães não foi um evento facilmente superado por Trotsky até a assinatura do Acordo de Brest Litowsky, até mesmo as atitudes tomadas por Trotsky foram interpretadas como medidas paliativas para se ganhar tempo e margem de manobra com os diplomatas alemães. Wilson, sensível a uma série de questões, enumera duas situações que afetavam diretamente a Rússia Revolucionária. Exigia-se no ponto VI dos

14 Pontos:

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

“A evacuação de todo o território russo e tal a solução de todas as questões que afetam a Rússia assim como irá assegurar a melhor e a mais livre cooperação das outras nações do mundo obtendo para ela uma oportunidade sem entraves e desembaraçada para a determinação independente de seu próprio desenvolvimento político e de política nacional, e garantir-lhe um acolhimento sincero na sociedade das nações livres sob as instituições de sua própria escolha e, mais do que boas-vindas, também ajuda de todo o tipo que ela pode precisar e desejar. O tratamento concedido à Rússia por suas nações irmãs nos meses que virão será a prova de fogo de sua boa vontade, da sua compreensão de suas necessidades como distintas de seus próprios interesses e de sua simpatia inteligente e altruísta.”

O ponto XIII estabelecia a formação de um estado polonês em *“territórios habitados por populações indiscutivelmente polacas, devendo ser assegurado um acesso livre e seguro ao mar, e cuja política e econômica independência e integridade territorial deve ser garantida por convênio internacional”*. Dessa forma, surgiria um estado polonês tampão entre a Rússia e a Alemanha o qual seria eliminado de novo de maneira dramática na Segunda Guerra Mundial.

A recepção dos 14 Pontos de Wilson na Rússia não se mostrou tão boa, conforme as declarações de Nikolai Bukharin, pensador da Revolução Russa:

“O erro fundamental do pacifismo consiste em acreditar que a burguesia consentirá em reformas como o desarmamento [...] O melhor exemplo da falsidade do pacifismo é dado por Wilson, que com seus quatorze princípios, sob a máscara de nobres projetos como a Sociedade das Nações, quer organizar o saque mundial e a guerra contra o proletariado.”⁵⁴

Bukharin também ataca outras figuras, como o ex-presidente americano Taft, que era *“um dos fundadores da Liga Americana da Paz, e, ao mesmo tempo, um imperialista furioso”*, e Henry Ford, *“o conhecidíssimo fabricante americano de automóveis [...] organizou expedições inteiras através da Europa, para que proclamassem o seu pacifismo, mas ao mesmo tempo, amontoava centenas de milhões de dólares de lucros, porque suas empresas trabalhavam para a guerra”*. Mesmo assim, isso não impediria de os soviéticos no futuro fazerem negócios com esse industrial.

Bukharin sempre se notabilizou pelos seus escritos raivosos e incendiários com relação não somente aos opositores do regime comunista, mas também aos próprios companheiros de partido com que tinha desavenças. Ainda sobre a diplomacia ocidental, Bukharin é incisivo:

*“Um **banditismo coletivo**⁵⁵ (grifo do autor) evidente é considerado como um exemplo da “fraternidade dos povos”. O mesmo se dá quando se serve uma*

⁵⁴ BUKHARIN, Nikolai Ivanovich. *ABC do Comunismo*. São Paulo: Global Editora, 1980. pág 108.

⁵⁵ Grifo do próprio Bukharin.

“Associação de bandidos capitalistas”⁵⁶ com o nome de “Sociedade das Nações”⁵⁷,”

A redação do *ABC do Comunismo* de Bukharin foi concluída em 1928, e toma a proporção de um tratado político do próprio regime soviético em construção após o drama da Guerra Civil Russa. A percepção sensorial de Bukharin pode ter mudado a sua interpretação acerca da situação-problema enfrentada pelo regime soviético em seus primeiros anos de constituição.⁵⁸

Os Tratados de Paz, bem como o de Versalhes, deixaram uma incógnita: a **Questão Russa**. Para a recomposição europeia, a Rússia era um elemento chave na nova diplomacia que surgiria no período do entre guerras. Como se a situação já não fosse tão complicada, ainda tinha o agravante que a Rússia fora um aliado importante até a assinatura do tratado de Brest Litovsky e as divergências entre russos e os aliados se tornaram nítidas.⁵⁹

“Estamos em guerra com a Rússia bolchevique?”, teria perguntado Wilson em uma conversa no dia 14 de junho de 1919.⁶⁰ A intervenção era o caminho mais correto a ser feito na Rússia? Os jornais já tinham feito uma opção, opção esta que foi inflamada por jornalistas como Herman Bernstein, correspondente do *The New York Herald*, teciam virulentas críticas ao regime bolchevique.

Bernstein, um judeu russo que emigrou aos Estados Unidos em 1893 era crítico mordaz da monarquia russa, publicando inclusive artigos contrários ao czarismo. Inicialmente, como muitos judeus emigrados, ele vê positivamente os eventos revolucionários na Rússia, mas quando ele viaja ao país a serviço do *New York Herald* passa a ser virulento crítico dos bolcheviques, sobretudo a partir de junho de 1918.⁶¹

Ao mesmo tempo em que ele destacava que boa parte da família imperial foi guiada pelo espiritualismo e por seus caprichos nos rumos da guerra conduziram a

⁵⁶Grifo do próprio Bukharin.

⁵⁷ BUKHARIN, op. cit., pág. 108.

⁵⁸ É importante salientar que Bukharin, além de ser tão popular na Rússia, tinha morado nos Estados Unidos e publicado ali, com Trotsky, o *Novyi Mir*, jornal de publicação russa social-democrata, nos Estados Unidos. Tal como alguns revolucionários russos, ele próprio já tinha tido uma experiência prática com o modelo norte-americano e por isso mesmo apresentava uma crítica bem embasada.

⁵⁹ BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*; tradução Constancia Egreja — São Paulo: Editora Unesp, 2011. Pág. 128.

⁶⁰ Citado em BECKER, Jean-Jacques., op. Cit. pág. 127.

⁶¹ RAPPAPORT, Helen. *Os últimos dias dos Romanov*. Rio de Janeiro: Record, 2011. P. 156.

derrota da Rússia⁶², ele também colocava que Lenin estava fazendo “um experimento perigoso na Rússia”; “Os bolcheviques querem o monopólio da sede de sangue do vampirismo. Lênin precisa de derramamento de sangue”, escrevera Bernstein, “O Pravda está tentando convencer o povo que esse sangue foi derramado em nome da revolução. Vampiros não ousam macular a revolução”⁶³.

No mesmo artigo, Bernstein compara os bolcheviques à referência bíblica de Caim, retratando-os os como pessoas que não tinham cerimônia ao matar os seus próprios irmãos.⁶⁴ Bernstein, como um judeu de experiência talmúdica, utiliza-se de elementos discursivos retóricos bíblicos em sua narrativa. Seus escritos, tanto no New York Herald quanto no Washington Post, passaram a ser foco de violentas críticas aos bolcheviques e defesas cada vez mais categóricas da intervenção americana na Rússia.

Wilson pode ter sido influenciado nas suas ações pelo próprio impacto da opinião pública americana. As questões diplomáticas entre bolcheviques e aliados já vinham se tornando mais difíceis e a partir do verão de 1918, além de “*os diplomatas aliados remanescentes que continuavam na Rússia Soviética estarem conspirando com os oponentes dos bolcheviques, os governos britânico, francês, americano e japonês começaram uma intervenção militar*”⁶⁵.

“*Os bolcheviques viram a Guerra Civil desde o começo como parte de uma grande conspiração aliada*”⁶⁶ e justificavam a emergência da Legião Tchecoslovaca na Sibéria, além de vários movimentos militares, como uma ação deliberada das potências ocidentais na implosão de uma Rússia que desaparecia sobre os rios de sangue da Guerra.

⁶² BERNSTEIN, Hermann. Grand Duke Nicholas Guided by Spiritualism in His Conduct of War. The New York Herald, 2/07/1918. Disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2014/New%20York%20NY%20Herald/New%20York%20NY%20Herald%201918/New%20York%20NY%20Herald%201918%20-%204914.pdf>. Acesso 10/07/2015

⁶³ BERNSTEIN, Hermann. Nihilist newspaper makes death threat against Lenine. New York Herald 5/07/1918. Disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2014/New%20York%20NY%20Herald/New%20York%20NY%20Herald%201918/New%20York%20NY%20Herald%201918%20-%204967.pdf>. Acesso 10/07/2015.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ ANDREW, Christopher M. *KGB: the inside story of its foreign operations from Lenin to Gorbachev*. London: Hodder and Stoughton, 1990. pág. 26.

⁶⁶ Idem, Ibidem.

*“A revolta da Legião Tchecoslovaca foi induzida não pelos aliados, mas pelo medo de sua própria sobrevivência após as tentativas de Leon Trotsky, [...] para desarmá-los”*⁶⁷. Sobre isso, Viktor Serge é mais incisivo:

“O exército tchecoslovaco da Rússia se formara pouco a pouco [...] com prisioneiros tchecos e eslovacos da frente austríaca. Sem tomar parte, essas tropas haviam assistido às peripécias da Revolução Russa”. Os tchecos iriam à Frente Ocidental via Vladivostok, mas com a entrada americana na Primeira Guerra, “os representantes dos Aliados haviam concebido um vasto plano de operações” onde os tchecos seriam usados “a serviço da contrarrevolução russa”⁶⁸.

Os checoslovacos se recusaram a reconhecer o tratado de Brest Litovsk, e se moveram Ucrânia para a Sibéria armados. “Trotsky exigiu, imediatamente, o desarmamento dos tchecoslovacos, para fins de evacuação, não na direção do leste siberiano, mas na direção de Arkhangelsk [...] Os tchecoslovacos se apoderaram, abruptamente, a 25 e 26 de maio de Tcheliabinsk (Urais), de Penza e Syran (Volga) e de Novo-Nikolaievsk (Sibéria)”⁶⁹. Os tchecos não eram os únicos problemas que os soviéticos iriam enfrentar no país.

A Cheka tinha descoberto uma conspiração envolvendo agentes secretos e diplomatas americanos, ingleses e francesas no verão de 1918⁷⁰. Os agentes diplomáticos aliados no interior da Rússia passaram a ser vigiados por Guardas Vermelhos. Apesar das várias tentativas conspiratórias contra o emergente estado soviético *“tramadas pelos diplomatas ocidentais e oficiais de inteligência na Rússia durante o verão de 1918”*, acredita-se que *“nunca impuseram qualquer perigo real aos bolcheviques”*⁷¹.

Mesmo com essas “tentativas conspiratórias”, o emergente estado soviético tentou construir relações cordiais com os aliados, principalmente com os EUA, afinal de contas, *“para a Rússia, como um país neutro, isso é uma condição indispensável de restauração de sua própria economia nacional o estabelecimento de relações*

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ SERGE, Viktor. O ano I da Revolução Russa. Pág. 298-299.

⁶⁹ ANDREW, p. 299.

⁷⁰ Ibidem, pág. 30.

⁷¹ Ibidem.

econômicas com as potências centrais, bem como para abrir relações com os países da Entente”⁷².

Houve até mesmo um plano encabeçado pelo economista soviético Yuri Larin:

*“ para por à frente um esquema para um acordo comercial com os Estados Unidos oferecendo uma concessão sobre (a península de) Kamchatka em troca de bens ou empréstimos, mas apenas Radek⁷³ levou a ideia seriamente. Todavia, quando o coronel americano Robins retornou de Moscou aos Estados Unidos em maio de 1918, ele trouxe consigo uma oferta geral das concessões nas linhas da declaração de Radek ”*⁷⁴

Com o governo socialista acuado de todos os lados, inimigos brotando nos mais diversos quadrantes da nação, o plano poderia ser julgado utópico para época, mas acabou se tornando um pequeno passo para a futura transação comercial entre os dois países.

A pressão popular em favor da intervenção era incontestável. O artigo do senador William Borah, revelava o crescimento da hostilidade com os “Reds: *“eles eram antes de tudo estigmatizados por sua traição, por terem abandonado em plena guerra os aliados da Rússia. Uma vez a guerra terminada, foi o antagonismo ideológico e o temor do contágio revolucionário que prevaleceram ”*

⁷⁵

Wilson foi mais sensato ao declarar expressamente que “tentar deter um movimento revolucionário com fileiras de exército é usar uma vassoura para deter uma grande onda”⁷⁶. A escolha da intervenção na Rússia era mais um resultado da pressão dos aliados e da imprensa norte-americana, do que um desejo pessoal do presidente. Apesar da intervenção americana, o suporte militar americano foi esporádico, apesar de Berstein acreditar que os aliados estivessem derrotando os bolcheviques.⁷⁷

⁷² Trudy i Vserossiskogo S'ezda Sovetov Narodnogo Khozyaistva (1918), p.21. Apud CARR, Edward. *The Bolshevik Revolution 1917-1923*. Vol. 3.. New York: The Macmillan Company, 1953. pág. 109.

⁷³ Karl Radek, líder bolchevique à época de Lenin que ficou famoso por negociar junto aos alemães a passagem de Lenin até a Rússia no meio da guerra, mas acabou entrando em desgraça com a ascensão de Stálin e morreu na prisão após ser julgado no Julgamento dos Dezesete, o segundo julgamento-espetáculo dos Expurgos.

⁷⁴ CARR, Edward. *The Bolshevik Revolution 1917-1923*. Vol. 3.. New York: The Macmillan Company, 1953. pág. 109.

⁷⁵ BECKER, op. cit. pág. 129.

⁷⁶ Idem, pág 132.

⁷⁷ BERNSTEIN. The New York Herald. 20 de outubro de 1918. Disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2016/Syracuse%20NY%20Herald/Syracuse%20NY%20Herald%201918/Syracuse%20NY%20Herald%201918%20-%205253.pdf>

As intenções do Departamento de Estado à embaixada norte-americana na Rússia no dia 23 de janeiro de 1918 parecem ser elucidativas sobre os interesses norte-americanos. Não era desejo, sobretudo dos diplomatas americanos, uma ação militar para a instauração de outro governo na Rússia, mas sim construir um elemento de dissimulação diplomática no trato com os bolcheviques.

“Enfatizar os seguintes pontos em todo o trabalho de publicidade. [...] Entregá-los a seus escritores e palestrantes e trazê-los de volta para casa de todas as maneiras possíveis:

I. Que os Estados Unidos não têm outro motivo em manter guerra contra o Governo alemão senão derrubar a autocracia e para proteger a democracia da intriga e força física que a ameaçam.

II. Que é loucura acreditar que os Estados Unidos dariam milhares de vidas e gastar bilhões de dólares no prosseguimento de uma guerra por vantagens comerciais, que, mesmo sem considerar a perda de vidas e consequente enfraquecimento do poder industrial da república, não poderia por décadas compensar a nação as somas gastas na realização de uma guerra.

III. Que aos Estados Unidos, se uma vitória alemã não fosse uma ameaça mortal à sua própria independência e instituições livres e às de outras nações democráticas, poderiam ter permanecidos neutros na guerra e através do comércio e da indústria acumulando uma vasta riqueza, vindo a se tornar o grande poder financeiro do mundo.

IV. Que os capitalistas dos Estados Unidos teriam agido sem razão e contrários aos seus interesses ao terem favorecido uma guerra por causa do seguro de poucas centenas de milhões de dívidas devidos a eles pelos governos da Entente, quando a guerra importaria bilhões aos Estados Unidos, que teriam que ser pago pelos impostos dos quais a grande maioria seriam recolhidos a partir desses mesmos capitalistas, cujos empreendimentos iriam ser desorganizados e comprometidos pela guerra.

V. Que a entrada dos Estados Unidos na guerra contra os seus interesses financeiros e industriais é certa evidência de que considerava a sua própria democracia e do mundo corria grave perigo de agressão prussiana, em particular a democracia recém-surgida da Rússia.

VI. Que todas as classes da população nos Estados Unidos e todos os partidos políticos estão solidamente por trás do governo no esforço de guerra para uma conclusão vitoriosa independentemente do custo de vida ou tesouro.”⁷⁸

As instruções do Departamento de Estado para deliberada dissimulação na Rússia com os interesses norte-americanos, reflete o grau de desconfiança mútua entre os dois países. No mês de agosto de 1918 os Estados Unidos enviam tropas para a Rússia iniciando a ação americana em território russo.

⁷⁸ Documento disponível em: <http://history.state.gov/historicaldocuments/frus1917-72PubDip/d10>

2.1 Intervenção americana na “Rússia Vermelha”.

O ano de 1918 inicia-se com um conflito de várias forças antagônicas no interior da Rússia. Brest-Litovsky era um enorme peso para a nova república dos soviets: a Rússia perdia nos termos do tratado, 40 % de seu proletariado industrial, 90 % de sua produção de combustíveis, entre 65 a 70% de sua metalurgia e 55% de sua produção de trigo⁷⁹

“A paz de Brest Litovsky é a morte lenta da revolução”⁸⁰. A capital foi transferida novamente para Moscou devido à vulnerabilidade de Petrogrado às tropas alemãs que avançavam sob o território russo. A Ucrânia declarou a independência⁸¹, sendo seguida pela Polônia, a Finlândia, os Países Bálticos e a Geórgia; Contra a revolução, os ucranianos conseguem o suporte dos aliados e austros-alemães⁸², um terror contrarrevolucionário se inicia contra os comunistas na Finlândia⁸³.

Nesse cenário, somam-se forças beligerantes no interior da Rússia, comumente exemplificados como Vermelhos, os comunistas ainda não eram um grupo hegemônico em meados de 1918, assim como o Exército Branco (antigos oficiais czaristas e contrarrevolucionários declarados) tinha também suas próprias limitações. Mas no contexto russo, uma profusão de movimentos anarquistas, nacionalistas e mesmo separatistas nasceram. Os anarquistas do Exército Negro teriam um papel importante com Makhno na Ucrânia, muitas vezes colaborando com os bolcheviques na luta⁸⁴ contra o Exército Branco, enquanto o Exército Verde, formado por camponeses de filiação socialista-revolucionária, tornaram-se uma pedra no sapato dos bolcheviques na região de Tambov.⁸⁵

O fato é que a iniciativa aliada em intervir na Rússia tornou mais incendiários os embates na Rússia. A intervenção norte-americana não foi somente fruto da pressão de seus próprios aliados, como também sua própria opinião pública, na decisão de tomar uma ação mais efetiva contra os bolcheviques na Rússia. Segundo Donald Travis,

⁷⁹ SERGE, Victor. O ano I da Revolução Russa. São Paulo: Boitempo Editores, 2007. P.252.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Idem, p. 153

⁸² Idem. P. 227.

⁸³ P. 236

⁸⁴ AVRICH, Paul. *Russian anarchists and Civil War*. p. 1. Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/paul-avrich-russian-anarchists-and-the-civil-war.pdf>. Acesso: 07/07/2015.

⁸⁵ Sobre o Exército Verde, é conveniente ler: Oliver H. Radkey, *The Unknown Civil War in Soviet Russia: A Study of the Green Movement in the Tambov Region 1920-1921*. Stanford: Hoover Institution, 1976.

apenas os ingleses e franceses tinham realmente planos de invadir a Rússia, “os britânicos consideraram ajudar os inimigos russos de Lenin para restabelecer o Front Oriental. Os franceses concordaram e falaram sobre uma intervenção pelos aliados para restaurar o Governo Provisório”⁸⁶.

Uma parcela significativa da sociedade norte-americana acabou militando pela ação americana na Rússia, que apenas a verdadeira Rússia deveria ser reerguida contra a Rússia soviética que acendia, e esta questão era uma questão importante para a segurança da democracia americana e mundial :

“Contra essa ‘Rússia Soviética’ que é apenas um grupo de criminosos controlando parte do território da Rússia por meio do assalto, permanece a verdadeira Rússia, uma frente unida de todas as forças liberais e socialistas na Rússia travando guerra contra os bolcheviques, como inimigos da democracia russa e a democracia ao redor do mundo.”⁸⁷

O reitor da Universidade Columbia, Dr. Nicholas Murray Butler, foi mais direto, apelando que “o bolchevismo traz precisamente a mesma relação à democracia que o caos causa à ordem” e que o “bolchevismo está em guerra com a civilização, e em particular com a civilização democrática”. Ele inclusive denunciava a existência de acadêmicos bolcheviques nos Estados Unidos, mas que o povo (por ser amante da democracia) “poderia distinguir uma ordenada reforma de uma violenta revolução”⁸⁸.

A crescente onda de aversão ao bolchevismo foi agravada com os rumores do assassinato da família imperial russa, e acentuou-se ainda mais com a ascensão de um governo de inspiração socialista na Hungria, além dos próprios levantes trabalhistas que ocorriam na época⁸⁹.

Karolyi, presidente húngaro, foi deposto, apesar de ser destacado como democrático e que “é preciso ser lembrado que Karolyi ao menos proclamara sua profunda fidelidade às ideias do presidente Wilson” e que segundo algumas opiniões,

⁸⁶ DAVIS, Donald E. et TRANI, Eugene P. . *The first Cold War: the legacy of Woodrow Wilson in US-Soviet relations*. Columbia: University of Missouri Press, 2002.. pág.74.

⁸⁷ Artigo do The New York Times de 28 de janeiro de 1919 intitulado *DEPLORES ALLIED POLICY IN RUSSIA; Information Director Terms Proposed Princes' Island Conference a Mistake. ASSAILS BOLSHEVIST RULE Calls Soviets Criminals, Controlling Only a Part of Country by Holdup Measurers. Asks Whom Allies Consulted. Predicts a Free Russia. Butler Assails Bolshevism*. Disponível em: http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=FA0915FA3B5D147A93CAAB_178AD85F4D8185F9 .Acesso em 22/03/2013. 19:35

⁸⁸ Idem, ibidem.

⁸⁹ Como destacado no primeiro capítulo.

os aliados tinham falhado em ajudá-lo a se manter no poder. E esboçava-se um apelo era para uma ação rápida para conter o bolchevismo de qualquer forma ⁹⁰

“Agora, então , a menos que as deliberações de paz se apressem para uma conclusão, e essas nações incertas sejam tratadas com certeza e autoridade, cuja mesma coisa é desejável acontecer em todo lugar(o comunismo será contido). A situação na Hungria e a alarmante situação em alguns outros países é devida à fome, desemprego e falta de decisão. São essas coisas que alimentam o bolchevismo”⁹¹

A inatividade de Wilson para abordar a questão da Rússia é interpretada por alguns como uma medida tácita, onde “o presidente esperava que o novo governo entrasse logo em colapso”⁹², mas ao observar que isso não aconteceria, o presidente teria optado pela intervenção; Enquanto isso, “os britânicos, com a assistência dos franceses, fortaleceram sua defesa de um plano para reconstruir um front no Sul da Rússia”⁹³,

Acuada por todos os lados, a Rússia vivenciaria um de seus períodos mais difíceis na história contemporânea. O ano 1919 representou “o ano do mais completo isolamento da Rússia Soviética do resto do mundo”⁹⁴. No qual, o regime era atacado por todos os lados.

O diplomata Maxim Litvinov tentou contornar a situação, à medida que “endereçou ao Presidente Wilson um apelo por paz, cuja linguagem suave e suplicante, inocente até à mais leve alusão ao objetivo da revolução mundial, contrastando notavelmente com a nota irônica de Chicherin⁹⁵ de dois meses antes ou mesmo com o decreto original de paz de 26 de outubro/8 de novembro de 1917”⁹⁶.

⁹⁰ Artigo do The New York Times de 25 de março de 1919 intitulado “SAYS ALLIES FAILED TO HELP KAROLYI; Creel Ascribes Bolshevist Upheaval in Hungary to Inaction of the Peace Conference.HAD AMPLE WARNING OF IT Made No Effort to Guard Provisional Boundaries Fixed by Armistice and None Was Respected. Karolyi Was for Wilson's Ideas. Quick Action Necessary. Edgar Sisson Skeptical.”. Disponível em: http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F70613FB385511738DDDA_C0A94DB405B898DF1D3. Acesso em 22/03/2013. 19:53

⁹¹ Idem, ibidem.

⁹² DAVIS, Donald E. et TRANI, Eugene P. *op. cit.* pág.74.

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ CARR, Edward, vol. 3, *op. cit.* pág. 109.

⁹⁵ Comissário dos Assuntos Exteriores de 1918 a 1930.

⁹⁶ Ibidem.

Posteriormente, “*um oficial do Departamento de Estado chamado Buckler, ainda na embaixada americana em Londres, foi instruído a visitar Copenhague onde, na metade de janeiro de 1919, ele teve três longos encontros com Litvinov*”⁹⁷.

As relações entre a Rússia Revolucionária e os Estados Unidos prometiam mudanças, a despeito da própria guerra que se prolongava. Litvinov se destacava como um destemido diplomata⁹⁸, mas a postura norte-americana tornou-se cada vez mais irredutível em relação aos bolcheviques. No entanto, este personagem, no encontro de janeiro de 1919 “*foi conciliatório sobre a possibilidade de reconhecimento de dívidas externas, especulou que a Rússia iria precisar de ‘maquinário estrangeiro e produtos manufaturados como um quid pro quo*”⁹⁹.

Além disso, ele acrescentou que “*a propaganda contra os países ocidentais iria cessar quando a paz fosse feita*”, deixando claro que “*a guerra declarada na Rússia pelos aliados convocou que a propaganda revolucionária (responderia) como uma medida de retaliação*”¹⁰⁰.

O tom conciliatório de Litvinov foi mais além ao declarar inclusive que “*os russos acreditam que em certos países ocidentais as condições não são favoráveis para uma revolução do tipo da russa*”¹⁰¹.

Os bolcheviques à época encaravam três grandes ameaças: o ataque na primavera pelas forças do antigo comandante naval czarista, Almirante Kolchak, vindo da Sibéria, e as ofensivas de verão dos generais brancos¹⁰², Denikin e Yudenich, respectivamente, do Cáucaso e do Golfo da Finlândia. Yudenich foi o mais bem sucedido, chegou a alcançar os subúrbios de Petrogrado e quase foi vitorioso em cortar a ligação ferroviária entre a antiga São Petersburgo e Moscou¹⁰³.

Para alguns, a situação não podia ser melhor, afinal de contas, “*o caos da Guerra Civil ofereceu aos governos ocidentais uma oportunidade que nunca retornou,*

⁹⁷ Idem, ibidem, pág. 120.

⁹⁸ Segundo a análise que Simon Montefiore dá sobre esse personagem em seu livro *Corte do Czar Vermelho*, MONTEFIORE, Simon. *A Corte do Czar Vermelho* — São Paulo: Companhia das Letras, 2006. ,pág. 343.

⁹⁹ CARR, Edward, vol. 3, op. cit. pág. 109.

¹⁰⁰ Idem, ibidem.

¹⁰¹ CARR, op. cit., vol. 3. Pág 110.

¹⁰² O uso do termo é referente ao Exército Branco e não a qualquer discussão alheia a isso.

¹⁰³ ANDREW, Christopher. Op. cit., pág. 27.

a de desfazer a Revolução de Outubro”¹⁰⁴. Surgiram inclusive especulações exageradas sobre o envio de duas ou três divisões aliadas ao Golfo da Finlândia que poderiam levar ao fim o governo bolchevique¹⁰⁵.

O fato é que os Estados Unidos apoiaram a causa do movimento Branco, seja materialmente, com suprimentos médicos, financeiramente, com empréstimos¹⁰⁶, e até militarmente, como na própria ocupação de Baku, atual capital do Azerbaijão, em 17 de novembro de 1918¹⁰⁷. O que valeu Wilson a ser encarado como “hipócrita” por ter violado os seus próprios princípios dos 14 Pontos ao intervir na Rússia.

Entretanto foi justamente o presidente norte-americano que limitou o número de tropas para intervirem no território russo, como aponta Scott Reed em seu artigo *American “Intervention” in the Russian Civil War: 1918-1920*¹⁰⁸, onde ele questiona o próprio termo intervenção como nomenclatura apropriada para a ação americana na Rússia Soviética e os motivos para Woodrow Wilson ter sido levado a tomar tal atitude.

Para Reed, a ação de Wilson em enviar contingentes militares ao Extremo Oriente foi uma medida para conter que uma possível “ganância” japonesa de se aproveitar da situação turbulenta na Rússia do que um sentimento antibolchevique do presidente. Assim a própria intervenção aliada era também uma medida estratégica que o levou a trair o ponto sexto dos seus 14 Pontos¹⁰⁹.

Esse argumento é questionável, sobretudo porque a diplomacia norte-americana se mostrou relutante em reconhecer ou fazer negócios com os soviéticos, deliberadamente forneceu apoio ao Exército Branco e se mostra contraproducente qualquer ideia de inserir uma doutrina de contenção ao Japão num contexto anterior à década de 1930.

Em todo caso, no dia 8 de março de 1919, William Bullit, um oficial júnior da delegação americana em Paris foi à Petrogrado, seguindo com ordens do presidente

¹⁰⁴ Idem, ibidem.

¹⁰⁵ Ibidem, pág 27.

¹⁰⁶ BRINKLEY, George. *The Volunteer army and allied intervention in south russia : 1917-1921; a study in the politics and diplomacy of the Russian Civil War*. Indiana: University of Notre Dame Press. 1966, pág. 221.

¹⁰⁷ Idem, ibidem, pág. 93.

¹⁰⁸ Artigo disponível digitalmente em: <http://pbma.grobbel.org/reed.htm> . Acesso: 27/03/2013. 22:48.

¹⁰⁹ REED, Scoot. *American “Intervention” in the Russian Civil War: 1918-1920: Why did President Woodrow Wilson decide to send American troops into Siberia and Northern Russia on August 16, 1918?*.Pág 20. Disponível em: <http://pbma.grobbel.org/reed.htm> . Acesso: 27/03/2013. 22:48.

Wilson, para discutir com as autoridades soviéticas os termos da Paz de Versalhes que poderiam ser aceitos pela Rússia, bem como questões de fronteira, traçadas pela Linha Curzon, entre o nascente estado polonês e a Rússia Soviética. Bullit encontrou-se com Litvinov e conversou pessoalmente com o próprio Lênin¹¹⁰.

Bullit recebeu um memorado das autoridades revolucionárias datado do dia 12 de março, contendo propostas aos governos aliados de cessar as hostilidades na Rússia e solicitava o fim da ajuda da Entente aos “elementos contrarrevolucionários” existentes no país. Quando este retornou à Paris com o memorando em mãos, os aliados rejeitaram qualquer esforço nesse sentido e apresentaram total apoio à causa do Almirante Kolchak que vinha trazendo grandes derrotas ao Exército Vermelho¹¹¹.

Ainda em março do mesmo ano, Ludwig Martens, russo de ascendência alemã que residia em Nova Iorque, “seguiu ao Departamento de Estado Americano com suas credenciais assinadas por Chicherin como representante soviético nos Estados Unidos. Esta comunicação, juntamente com um memorando contendo propostas para um comércio soviético-americano, foi ignorada” e a única resposta que Martens recebeu foi nada menos do que “uma busca a seu escritório pela polícia, três meses depois, por propaganda incriminatória”.¹¹²

A situação da Rússia Revolucionária começou a mudar. O Exército Vermelho conseguiu contornar os reveses a partir de junho de 1919, mas só em outubro os Vermelhos conseguiram tomar parte de um momento-chave na Guerra Civil, quando conseguiram mobilizar novas forças e lutar a guerra em duas frentes.¹¹³

No começo de 1920, parecia certa a vitória do Exército Vermelho, e em 6 de abril, Denikin, último dos comandantes com alguma influência do Exército Branco, que tinha saído da Rússia em virtude de problemas de saúde, fugiu num navio de guerra inglês de Constantinopla, após a morte do seu oficial de Estado Maior, enquanto o último destacamento americano deixava Vladivostok no navio *Manilla*.¹¹⁴

¹¹⁰ CARR, Edward. op.cit. vol.3. , pág 112

¹¹¹ Idem, ibidem, pág. 113.

¹¹² Foreign Relations of the United States, 1919: Russia (1937), PP. 133-134, 140-141; Soviet Russia (N.Y.) 31 de janeiro de 1920, p.110.

¹¹³ KENEZ, Peter. História da União Soviética— trad. Jaime Araujo. Lisboa: Edições 70, 2006. pág. 57.

¹¹⁴ Artigo do The New York Times de 8 de abril de 1920 intitulado: *Denikin fugitive on British warship Flees from Russian Embassy in Constantinople after murder there of his Staff Chief*. Disponível em:

Pyotr Wrangel assumiu o comando das Forças Brancas¹¹⁵ no Sul da Rússia após o colapso do front de Kolchak¹¹⁶ e das outras frentes que foram eliminadas com o passar do tempo. Os comunistas no início de 1920 eram a força mais relevante em toda a Rússia, apesar do apoio que os veículos de imprensa davam à causa do Exército Branco, mostrando ainda a possibilidade dessa força em suprimir as forças bolcheviques na Rússia, e embora “*no Cáucaso eles estão avançando rapidamente sobre o Azerbaijão e a Geórgia*”¹¹⁷, isso não impediu que o Exército Vermelho esmagasse de vez as forças brancas na Crimeia, em novembro de 1920.

No final da guerra, “*os Estados Unidos foram questionados sobre qual seria sua atitude em relação ao bloqueio no Sul da Rússia como medida de assistência ao líder antibolchevista, general barão Wrangel*”, mas o Departamento de Estado não declarou não houve pedidos para auxílio ao Exército Branco na Criméia e pedia esclarecimentos sobre a situação na Rússia.¹¹⁸

A desmobilização do Exército Branco levou a outras questões de ordem prática, “*A partir da próxima primavera, o mais tardar, nós poderemos ver quanto as declarações de amor à paz (dos bolcheviques) valem a pena. A partir de lá, provavelmente não haverá uma oposição militar bem organizada a eles na Rússia*”. Finalmente o Exército Vermelho tinha condições mais favoráveis e isso poderia resultar num problema ao *status quo* na parte oriental da Europa..¹¹⁹

A questão se estendia à medida que: “*Se eles (bolcheviques) realmente querem dizer que eles tem dito sobre a autodeterminação, sua devoção ao princípio será mais aparente quando eles forem capazes de utilizar seus exércitos em guerras estrangeiras*

<http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F60910F73A55157A93CAA9178FD85F448285F9>.

Acesso em 27 de março. 23:57.

¹¹⁵ Artigo do The New York Times de 7 de abril de 1920 intitulado: *Denikin resigns; His Chief Aid Slian; Wrangel to Take Command of the Anti-Bolshevist Forces in Crimea*. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F30F16F73A55157A93C5A9178FD85F448285F9>

Acesso em 28 de março de 2013. 15: 47.

¹¹⁶ No fim, o almirante Kolchak foi obrigado a desmobilizar o seu exército, após derrotas sucessivas ao general Tukhachevsky e acabou sendo vítima de traição, sendo preso e fuzilado em 7 de fevereiro de 1920.

¹¹⁷ Ibidem.

¹¹⁸ Artigo do The New York Times de 2 de novembro de 1920 intitulado: *RED OVERWHELM WRANGEL'S FRONT; Centre of His Army Broken and Wings Apparently Crushed, Sebastopol Reports. PEREKOP IN HANDS OF FOE Southern Commander in Chief Prepares to Withdraw His Forces to the Crimea*. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F40F17FC355411738DDDAB0894D9415B808EF1D3> Acesso em 28 de março de 2013, 16:14.

¹¹⁹ Artigo do The New York Times de 3 de novembro de 1920 intitulado: *Wrangel's Defeat*. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F40E14FA355411738DDDA0894D9415B808EF1D3>. Acesso em 28 de março de 2013. 16: 27.

sem a ameaça de uma guerra civil atrás deles”, nisso ficava declarada a preocupação à Polônia e à Lituânia sobre os objetivos da Rússia.¹²⁰ Contrariamente à expectativa, retirando o episódio da guerra com a Polônia, a Rússia comportou-se de maneira isolacionista no cenário internacional, mas a Guerra Civil reforçou a necessidade de uma emergência de um poder central estabelecido.

Os embates entre o Exército Vermelho e o Branco produziram uma esfera de violência que perdurou por muito tempo na Rússia, no qual se tenha um número estimado de baixas, 1,212,824 para os bolcheviques contra cerca de 1500 000 de soldados do Exército Branco e demais opositores dos comunistas, as estatísticas ainda são incompletas.¹²¹, sobretudo pela falha dos registros dos bolcheviques, a incapacidade de manter uma fonte de registro fiável sobre o Exército Branco e outras forças beligerantes no interior da Rússia.

A necessidade durante a guerra moldou o regime comunista a instituir um órgão administrativo para salvaguardar o futuro da Revolução. Os antes “anárquicos, indisciplinados e infinitamente difíceis de controlar” bolcheviques passaram a ter domínio político após a Guerra Civil e formar o primeiro estado socialista da História: a União Soviética.

¹²⁰ Idem, *ibidem*.

¹²¹ Conforme, G.F. Krivosheev, *Soviet Casualties and Combat Losses in the Twentieth Century*. p.7-38.

Capítulo 3: Distensão

No dia 30 de dezembro de 1922, é assinado o tratado de criação da União Soviética. Os bolcheviques levavam a sério o ideário marxista que implicava que trabalhadores não tinham pátria, o nacionalismo era uma ideologia de tradição burguesa, mas “como pensador pragmático e revolucionário, porém, Lenin percebeu que as aspirações nacionalistas podiam ser usadas como arma contra o Estado czarista e denunciou o seu país como uma prisão de nações”¹²².

Os bolcheviques eram contrários ao federalismo no movimento socialista, mas as “políticas bolcheviques eram marcadas por alguma ambivalência: por um lado eles tinham pouca simpatia por nacionalistas de qualquer espécie [...], mas por outro, como internacionalistas não podiam conceber a Rússia despojada dos seus territórios limítrofes”¹²³

Como resultado da Guerra Civil, a política das nacionalidades bolchevique passa a ter uma reviravolta. A constituição do estado soviético, “embora preservassem algumas das minúcias de uma federação, na realidade criou um Estado altamente centralizado [...] para fazer subir o nível cultural dos povos “atrasados” para o nível dos Russos”¹²⁴. Mas a manutenção do Estado nos limites semelhantes ao do antigo império russo comungava a doutrina de que a União Soviética seria o bastião da classe trabalhadora no mundo e a consolidação do socialismo num só país como meio de preservação do movimento socialista mundial.

Em 1922, uma nova geopolítica passava a vigorar na Europa. A doutrina geopolítica por Halford J. Mackinder em 1904 acerca da Heartland¹²⁵ passou a consolidar a posição ocidental na contensão da Rússia, e posteriormente do pensamento do imaginário comunista soviético.¹²⁶

¹²² KENEZ, Peter. História da União Soviética. Lisboa: Edições 70, 2008. P.79.

¹²³ Idem, p. 80.

¹²⁴ Idem, p.84.

¹²⁵ Doutrina que estabelecia que a base para um desenvolvimento de um império ou uma grande nação e partia da posse de um centro dinâmico no núcleo continental.

¹²⁶ MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo. Os grandes acontecimentos mundiais da Guerra Fria aos nossos dias*. 2. Ed, reform. São Paulo: Atual, 2008. Pág. 51

Após o fim da Guerra Civil Russa, essa doutrina passou a pautar a estratégia estabelecida pelos Aliados na contenção própria expansão da ideologia comunista, e “estimularam a formação de uma rede de Estados conservadores no Leste europeu a fim de isolar a União Soviética atrás de um cordão sanitário”.¹²⁷ Como se exemplifica o caso da Polônia de Piłsudski e a Finlândia de Mannerheim.

O nascimento de um estado socialista trouxe dilemas aos Ocidentais, mas também trouxe dilemas aos próprios soviéticos, alguns se levantaram terminantemente contra qualquer tipo de negociações com os capitalistas ocidentais, mas outros, dos quais Lenin se enumerava, justificavam:

“Devemos dizer que no passado vocês trabalharam para o benefício dos capitalistas, dos exploradores, e é claro que vocês não faziam o seu melhor. Mas agora vocês estão trabalhando para si mesmos, para o estado dos trabalhadores e dos camponeses. Lembrem-se que a questão em jogo é saber se seremos capazes de trabalhar para nós mesmos, porque se não, repito, a nossa República perecerá!

Isso é o que a nossa linha deve ser, e por isso (entre outras coisas) nós precisamos da Nova Política Econômica.

Comecem a trabalhar, todos vocês! Vocês terão ao seu lado capitalistas, incluindo os capitalistas estrangeiros, concessionários e arrendatários. Eles vão tirar disso lucros de vocês no valor de centenas por cento; eles vão enriquecer-se, trabalhando ao lado de vocês. Deixem-nos. Enquanto isso, vocês aprenderão com eles o negócio da gestão da economia, e somente assim será possível construir uma república comunista. Assim temos necessariamente de aprender rapidamente, qualquer negligência a este respeito é um grave crime. E nós temos que passar por este treinamento, esta severa, árdua, às vezes, cruel, formação porque não temos outra saída.”¹²⁸

Para Lenin, e outros bolcheviques, era uma medida estratégica o intercâmbio com os capitalistas ocidentais, caso contrário, o atraso econômico e tecnológico da economia soviética iria ceifar a própria consolidação da Revolução na Rússia. Lenin, sobre isso, continua:

*“Vocês devem lembrar que a nossa terra soviética está empobrecida após muitos anos de provação e sofrimento da região [...] Devido às circunstâncias atuais, o mundo inteiro está em desenvolvimento mais rápido do que nós somos. Enquanto em desenvolvimento, o mundo capitalista está direcionando todas as suas forças contra nós. É assim que o assunto está! É por isso que devemos dedicar uma atenção especial a esta luta.”*¹²⁹

Fundamentados pela própria tese do Capital, como entidade alheia a qualquer aspecto moral, eles próprios tinham um elemento retórico para fundamentar a

¹²⁷ Idem, ibidem.

¹²⁸ LENIN, Vladimir. Lenin's Collected Works. Moscow: Progress Publishers. 1965. Vol. 33. P. 71-72

¹²⁹ Idem, p. 72.

emergência do interesse capitalista em fazer negócios com os comunistas. E de seu próprio lado, os bolcheviques passaram a enxergar como perigosa a sua própria fragilidade diante o completo isolamento imposto pelas diplomacias francesa e inglesa. Assim, é compreensível a preocupação do governo soviético em estabelecer negócios e relações diplomáticas com os países capitalistas.

“O princípio da coexistência seria invocado repetidas vezes ao longo dos próximos sessenta anos pelos soviéticos, com as reações dos protagonistas se mantendo constantes: As democracias iriam a cada vez louvar a proclamação de coexistência pacífica soviética como um sinal de conversão para uma política permanente de paz. Ainda, por parte deles, os comunistas sempre justificariam períodos de coexistência pacífica no terreno em que as relações de forças não são condutivas de confrontações”¹³⁰

A influência da Nova Política Econômica (NEP) como uma retomada parcial ao próprio capitalismo era vista como uma forma de retomada do desenvolvimento industrial soviético, para os pensadores da época só poderia surgir por meio de acordos com o Ocidente. Contudo, mesmo assim, a visão soviética acerca do Ocidente ainda era dúbia:

“A América muito frequentemente teve o papel de “Bom Ocidente” (como contraponto ao “Velho e Mau Ocidente”, notavelmente, a Grã-Bretanha). A América poderia ser descaradamente capitalista, mas não era (na maneira de pensar soviética) “imperialista”, não se prendia às tradições políticas do Velho Mundo[...]”¹³¹

Apesar de tal interpretação ser convincente para elucidar o pensamento do regime soviético em relação aos Estados Unidos, a própria explicação apresenta falhas, principalmente porque, o governo norte-americano já havia dado mostras de ações imperialistas não só na América Latina ou no Pacífico, mas também no próprio território russo.

A admiração da sociedade soviética aos Estados Unidos estava relacionada à sua própria dinamicidade como um todo, esboçando “*admiração à perícia tecnológica americana, o know-how organizacional, e a ética trabalhista*”¹³², bem como admiração ao próprio taylorismo como disciplina de trabalho. Como mais tarde Stálin esboçaria em

¹³⁰ KISSINGER, Henry. *Diplomacy*. P. 250.

¹³¹ LOVELL, Stephen. *The Soviet Union, A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press. 2009, pág. 123.

¹³² Idem, *ibidem*.

um discurso, em dezembro de 1931, onde ele elogiava “a eficiência que os americanos demonstram em tudo — na indústria, na tecnologia, na literatura e na vida”¹³³.

Para os soviéticos, os Estados Unidos eram indiscutivelmente o país capitalista mais adiantado do mundo, onde “o nível de vida dos trabalhadores quase não se elevou, mas ficou quase estacionário”¹³⁴ e “os milionários americanos (os maiores industriais amontoavam lucros enormes e a mais-valia que embolsavam aumentava desmedidamente”¹³⁵.

Embora os Estados Unidos fossem admirados quanto à dinamicidade de sua própria economia, a própria visão soviética lembrava que “quanto ao trabalho das crianças, floresce em muitos países apesar a proibição. No país capitalista mais avançado da América do Norte (EUA), ele é encontrado a cada passo”¹³⁶.

Em 1921 há uma mudança na política norte-americana com a ascensão do republicano Warren Harding à presidência. Os Estados Unidos optam por uma saída mais isolamentista, embora a saída de Wilson tenha elevado a esperança soviética de melhorias nas relações entre os dois países¹³⁷.

Essa esperança se explica pela própria interpretação que os soviéticos fizeram sobre a postura diplomática de Wilson¹³⁸, os republicanos, outrora vistos como a vertente mais progressista da política americana, com escritos do próprio Karl Marx enfatizando isso¹³⁹, se notabilizaram pelo seu conservadorismo, sobretudo após as greves trabalhistas ocorridas nos anos anteriores. “As administrações republicanas da década de 1920 se recusaram a reconhecer o estado socialista, e apenas a Depressão levou que isso acontecesse”¹⁴⁰.

Primeiramente por causa da opinião pública, notoriamente marcada pelos jornais da Costa Leste, que era contrária ao reconhecimento dos bolcheviques e bastante áspera às questões trabalhistas nos Estados Unidos; o segundo motivo, é o próprio

¹³³ Ibidem, pág. 124.

¹³⁴ BUKHARIN, Nikolai Ivanovich. *ABC do Comunismo*. São Paulo: Global Editora, 1980. pág 39.

¹³⁵ Idem, ibidem.

¹³⁶ Ibidem, pág. 33.

¹³⁷ CARR, Edward. op. cit., vol. 3. Pág 340.

¹³⁸ BUKHARIN, Nikolai Ivanovich. op. cit. pág 108.

¹³⁹ Inclusive há uma carta em que Marx endereça ao presidente Lincoln felicitando-o por suas ações, sobretudo a determinação do presidente com a abolição da escravidão.

¹⁴⁰ LOVELL, Stephen. op. cit. pág. 124.

conservadorismo e isolacionismo que as administrações republicanas demonstraram até a Crise de 29.

Washington havia definitivamente “*aderido à política de não reconhecimento definida pelo Woodrow Wilson*”. Afinal, era forte a memória de que “*os bolcheviques tinham confiscado propriedades norte-americanas avaliadas em US\$ 336 milhões, e a Rússia devia mais de \$ 192 milhões ao governo dos EUA e ainda outros \$ 107 milhões a cidadãos americanos. Até que Moscou pagasse, o reconhecimento seria negado*”.¹⁴¹

A situação se arrastou com o passar dos anos, quando, o Secretário Stimson, temendo a influência do Partido Comunista Americano, que seguia em expansão, “prometeu em 1930 negar o reconhecimento até a Rússia ‘deixar de incitar a derrubada das instituições americanas pela Revolução’”.¹⁴²

Alguns norte-americanos, como o já mencionado senador Borah e líderes de associações da sociedade civil tinham opiniões oscilantes em relação a própria União Soviética, Borah que outrora fizera um apelo para que os Estados Unidos para intervir na Rússia em 1919, “pediu tolerância e reconhecimento”, enquanto ele criticava o sistema soviético.¹⁴³

3.1 Ajuda norte-americana à fome de 1921

De toda forma, em 1921, uma grande seca que grassou o Sul da Rússia, uma grande fome assolou a Rússia Revolucionária, criando uma verdadeira catástrofe agrícola que teve sua “*primeira nota de alerta lançada no fim de abril de 1921, em um pronunciamento do Conselho de Trabalho e Defesa em resposta ‘à luta contra a seca’*. Em julho de 1921, a magnitude foi divulgada pela sensacional declaração do não partidário Comitê de Todas-as-Rússias para a Ajuda à Fome (“*All-Russian Committee for Aid to the Hungry*”)”, seguido por um apelo emitido meses depois, pela

¹⁴¹ PATTERSON, Thomas G. *American Foreign Relations: A History, Volume 2: Since 1895, Seventh Edition*. Boston: Cengage Learning, 2010. pág.127. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=cGPRHM7j_6QC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

¹⁴² Idem, ibidem.

¹⁴³ Ibidem.

Administração de Assistência Americana, de Herbert Hoover, por ajuda externa à fome que assolava a Rússia.¹⁴⁴

A catástrofe agrícola era de tal magnitude, que no final de 1921, foi estimado que no total de 38 milhões de desyatins¹⁴⁵ de solo nas províncias da Rússia, “a colheita de 1921 falhou totalmente em mais de 14 milhões de desyatins” e para piorar, “ao vez dos estimados 240 milhões de puds¹⁴⁶, a colheita em espécie para 1921-1922 conseguiu apenas 150 milhões de puds, ou metade da colheita total para 1920-1921”¹⁴⁷.

“Temendo que a fome “dos povos anárquicos” que “iriam ainda se espalhar para os Estados Unidos”, o Secretário de Comércio Hoover organizou carregamentos de alimentos e remédios para as áreas necessitadas. O humanitário Hoover também acreditava que essa ajuda iria ajudar a implantar a influência americana na Rússia e servir como uma força contrarrevolucionária. De 1921 a 1924 sob égide Hoover, a Administração de Assistência Americana (American Relief Administration) arrecadou US\$ 50 milhões do governo federal e de cidadãos privados para a assistência a 10 milhões de russos. Músicos de jazz afro-americanos também visitaram a URSS entre 1923-1926, e o público de Moscou e Leningrado ficou “deslumbrado” por pessoas como Sam Wooding e os Chocolate Kiddies.”¹⁴⁸

Mesmo com a ajuda dos americanos “os horrores da fome de 1921, que devastaram toda a bacia do Volga, foram descritos por muitas testemunhas, notavelmente por membros de missões de ajuda estrangeira que atenderam ao sofrimento”. O número de mortos em decorrência da fome foi estimado em 22 milhões de pessoas.¹⁴⁹

Em todo caso, o apoio norte-americano não passou despercebido pelas próprias lideranças soviéticas passaram a encarar “o auxílio que o governo americano deu à ARA a possibilidade de defender um trabalho sistemático de assistência em larga escala e exceder tudo o que foi feito por outras organizações”¹⁵⁰.

O fato é que a própria experiência americana em auxiliar os soviéticos com o problema da fome serviu de anteparo para formação posterior de diplomatas americanos especializados em Rússia no período entreguerras¹⁵¹ embora esses acadêmicos tenham

¹⁴⁴ CARR, Edward. op. cit. vol. 2. pág. 284.

¹⁴⁵ Medida de terra russa, equivalente a 1.1 hectares, aproximadamente.

¹⁴⁶ Medida antiga de peso russa, onde cada pud equivalia a aproximadamente 16.38 quilogramas.

¹⁴⁷ Idem, pág. 285.

¹⁴⁸ PATTERSON, Thomas G. op. cit. pág. 128.

¹⁴⁹ CARR, Edward. op. cit. vol. 2. pág. 285.

¹⁵⁰ Citado em CARR, Edward. op. cit. vol. 2. pág. 285.

¹⁵¹ SUNY, Ronald Grigor. The Cambridge History of Russia, Oxford: Oxford University Press, 2006. p.10-11.

tido análises carregadas de preconceitos em relação aos russos e um pensamento liberal dentro de suas próprias análises que limitavam suas interpretações.¹⁵²

3.2. Contratos do governo soviético com empresas norte-americanas

A experiência da fome de 1921 serviu de combustível aos apelos infatigáveis do ativista norte-americano Raymond Robins¹⁵³ pelo reconhecimento do estado soviético, e ele “*aparentemente acreditava ter obtido uma promessa de eleição de Harding de sua boa vontade para reabrir a questão russa*”¹⁵⁴, só que quando confrontado com as fontes da época, o líder da Cruz Vermelha (Robins) possui um aspecto de desaprovação em relação ao governo bolchevique.

*“Enquanto eu estava na Rússia e desde o meu regresso, eu tenho ao todo sido absolutamente oposto aos princípios do bolchevismo. Tais princípios não são não-familiares a qualquer estudante de pensamento radical, e eu tenho sempre que desaprová-los. Não há razão para me fazer qualquer questão a cerca disso”*¹⁵⁵

Entretanto, é plausível que o coronel Robins tenha mudado de postura com o passar dos anos em relação ao governo soviético ou que sua iniciativa pelo reconhecimento diplomático dos soviéticos fosse justificado como meio de possibilitar ajuda humanitária ao problema da fome de 1921. Robins não possuía autoridade de representar os Estados Unidos na questão do reconhecimento diplomático e a questão continuou indefinida a despeito dos eventos na Rússia.¹⁵⁶

O governo soviético passou a abrir negociações com empresas norte-americanas “*para a compra no valor de cem milhões de dólares de produtos nos Estados Unidos durante o próximo o ano através do consórcio encabeçado por Washington Vanderlip, um proeminente banqueiro da Califórnia*”¹⁵⁷

¹⁵² Idem, p.11.

¹⁵³ O ativista Raymond Robins ficou conhecido por seu envolvimento na ajuda aos soviéticos na Grande Fome de 1921, o seu papel humanitário e própria influência trabalhista de sua formação acabaram levando-o a advogar pelo reconhecimento americano à União Soviética. Irmão da atriz e ativista sufragista Elisabeth Robins, e casado com uma líder trabalhista, anteriormente ele fora pastor e também esteve na grande corrida do Ouro de Klondike no Alasca, na virada do século XIX.

¹⁵⁴ CARR, Edward. op.cit. vol.3. , pág. 340.

¹⁵⁵ Artigo do *New York tribune*. (New York [N.Y.]), 11 de março de 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. , disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1919-03-11/ed-1/seq-4/> Acesso em 23/04/2013.

¹⁵⁶ Ibidem.

¹⁵⁷ Artigo do *The Liberal democrat*. (Liberal, Kan.) de 11 de Novembro de 1920. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn85029856/1920-11-11/ed-1/seq-1/>. Acesso em 23/04/2013.

À época, o jornal *The Liberal* utilizou-se de hipérboles para demonstrar que essa transação comercial era estrondosa. Vanderlip, orgulhoso de tal operação, confirmou os rumores acerca de tal assunto com tamanha prontidão no dia seguinte.¹⁵⁸

Em março de 1921, Vanderlip, empresário americano que tinha contratos com o governo soviético, declarou que Harding tinha “‘visões favoráveis’ ao comércio com a Rússia”¹⁵⁹, embora ele próprio não representasse de maneira nenhuma os interesses do presidente na Rússia.¹⁶⁰

O governo soviético em 20 de março de 1921 tinha endereçado ao recém-empossado Congresso Americano uma nota que “sugeria negociações para um acordo de comércio entre os dois países”, mas ao que tudo indica o congresso norte-americano prontamente se recusou a tais conversações até que a Rússia tomasse medidas para conseguir uma “sólida fundação econômica” e a “proteção da vida, o reconhecimento das empresas e garantias de propriedade privada”, o que para o novo governo soviético era impraticável.¹⁶¹

A legação americana em Copenhague tomou um papel importante nas conversações com o governo soviético a partir de 1919, mas a política do presidente Wilson bem como a de seus sucessores se demonstrou numa profunda recusa em realizar negócios com os soviéticos em virtude do próprio perigo que tais relações poderiam causar.¹⁶²

A União Soviética era um governo com capacidade potencialmente hostil às instituições e à seguridade dos Estados Unidos, e produzia uma série de questionamentos em relação à própria diplomacia norte-americana. Com a morte de Lenin em 1924 e ascensão de Stálin, os questionamentos cresceram.

¹⁵⁸ Ibidem.

¹⁵⁹ Leninskii Sbornik, XX (1932), pág 189. Citado em CARR, Edward, op. cit. vol.3, pág 340; Segundo Edward Carr, Lenin nunca mais se encontrou com Vanderlip, mas o mencionou uma vez ao Comissário de Relações Exteriores Chicherin.

¹⁶⁰ Artigo do *The Liberal democrat*. (Liberal, Kan.) de 11 de Novembro de 1920. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Acesso em 23/04/2013

¹⁶¹ Idem, ibidem, pág. 341.

¹⁶² Artigo do *New York tribune*. (New York [N.Y.]), de 31 de Dezembro de 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1919-12-31/ed-1/seq-5/>. Acesso em 23/04/2013. 22: 16

Em fevereiro de 1924 o governo soviético conseguiu o reconhecimento *de jure* dos governos britânico e francês, além da maioria dos governos das grandes potências europeias, mas os Estados Unidos figuravam como uma exceção¹⁶³.

A despeito dos empecilhos postos pelo próprio Congresso Americano para o estabelecimento de relações comerciais entre os dois países, isso não foi um impedimento para que a primeira concessão de exploração dada pelo governo soviético dentro de seu próprio território, a *Far Eastern Republic* conseguiu que a Companhia de Exploração Americana Sinclair pudesse explorar as reservas de petróleo na parte norte das ilhas Sakhalinas¹⁶⁴

Segundo a própria hipótese de Carr, o governo soviético utilizava o esquema das concessões para manobras políticas e diplomáticas, acreditando que tal concessão levaria ao reconhecimento por parte do governo norte-americano, que de fato não ocorreu, três anos depois tal concessão foi revogada visto que a própria companhia não tinha efetuado o seu trabalho.¹⁶⁵

Com a emergência de Stálin e sua ênfase na construção do socialismo em um só país, a necessidade soviética de um desenvolvimento tecnológico tornou-se cada vez mais evidente, os contratos do governo soviético com empresas ocidentais podem ser explicados pelo fato de que a própria União Soviética deixou de lado o “comunismo doutrinário” e ter aceitado o “incentivo e eficiência” em questões práticas.¹⁶⁶ “A Revolução não era mais a ordem do dia[...] mas não era um abandono da linha revolucionária”¹⁶⁷

A sociedade soviética via com desconfiança os capitalistas ocidentais:

“[...]os princípios orgânicos básicos que são aplicados à sociedade estão enraizados na convicção de que a maioria dos males sociais são aplicados à sociedade estão enraizados na convicção de que a maioria dos males sociais são derivados da propriedade privada; sob certas circunstâncias, até mesmo uma ineficiente propriedade pública ou estatal deve ser preferida à propriedade privada.”¹⁶⁸

¹⁶³ WILLIAMS, Alastair Kocho. *Russia's International Relations in Twentieth Century*. New York: Routledge, 2013. p.46-47

¹⁶⁴ Idem, *ibidem*, pág. 353.

¹⁶⁵ Nota de rodapé nº 3. CARR, op. cit. vol.3, pág. 353.

¹⁶⁶ BRZEZINSKI, Zbiniew. *Ideologia e Poder na Política Soviética*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963. Pág 83.

¹⁶⁷ WILLIAMS, p. 47-48.

¹⁶⁸ BRZEZINSKI, pág. 85

Mas essa desconfiança em relação às empresas ocidentais, que comumente é associada a uma “imagem paranoica do mundo conspirando contra o socialismo”¹⁶⁹, foi superada no período de industrialização soviético. O desenvolvimento acelerado da economia soviética era um meio de defesa do socialismo, e tal como o discurso de Lenin exemplifica¹⁷⁰, os soviéticos tiveram que lidar com os capitalistas ocidentais.

Assim, toma-se como exemplo de desenvolvimento o caso da economia norte-americana, de modo que os soviéticos passaram a implantar a maneira organizacional do trabalho norte-americana. Isso não quer dizer que os soviéticos tivessem superado os dilemas internos, o “Partido Comunista reconhecia corretamente a tecnologia como o coração do desenvolvimento econômico e desde o início manteve uma ênfase contínua no progresso tecnológico e técnico”¹⁷¹, entretanto, distorções e conflitos acerca do papel da ideologia comunista na diversificação do trabalho e utilização do maquinário frequentemente surgiam.¹⁷²

O próprio problema do descompasso tecnológico entre a Rússia e os países ocidentais produzia problemas em relação à assimilação tecnológica soviética, sobretudo no manejo dos equipamentos e maquinários importados. “A utilização de máquinas estrangeiras desempenhou, em certa época, um papel positivo”¹⁷³, mas era necessário formar pessoas que pudessem operar os equipamentos, e o crescimento da economia soviética trouxe ao florescimento da *intelligentsia* técnica.

Essa *intelligentsia* técnica seria resultado da própria expansão industrial soviética¹⁷⁴ e a sua necessidade de substituição de engenheiros e administradores estrangeiros nos grandes empreendimentos na União Soviética. Embora “o número de engenheiros competentes com qualificações profissionais era muito menor na Rússia Soviética que nos Estados Unidos” isso não impediu as transformações da economia soviética.¹⁷⁵

¹⁶⁹ Ibidem. Embora a noção paranoica do mundo possa ser mais uma influência do stalinismo do que meramente uma análise amostral de perigo constante.

¹⁷⁰ Citado nas páginas anteriores

¹⁷¹ SULTON, Anthony. *Western Technology & Soviet Economic Development: 1930-1945*. Stanford: Stanford University Press, p.322.

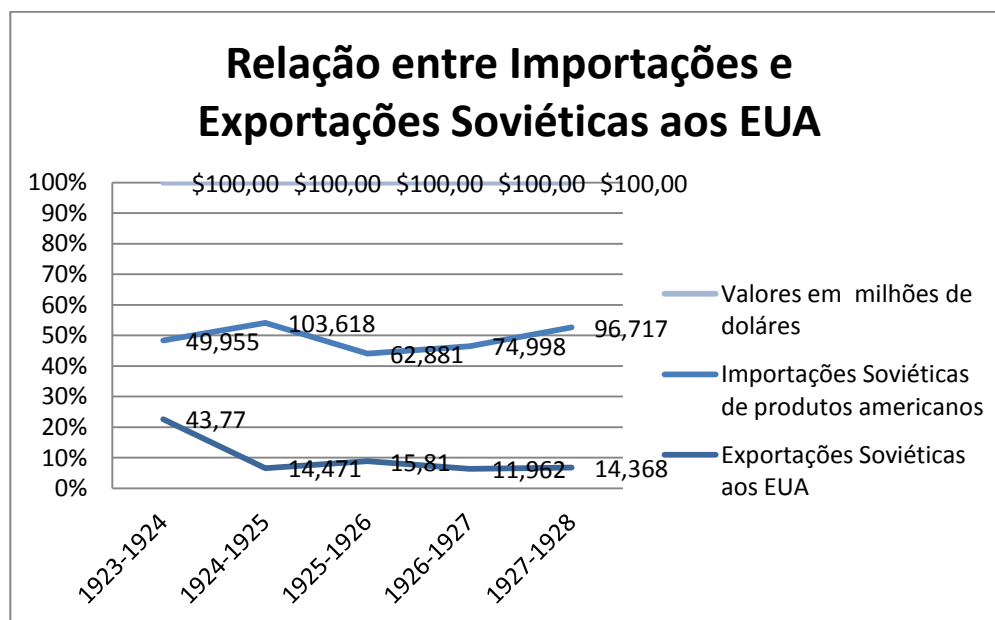
¹⁷² Ibidem.

¹⁷³ SMINOV, I. (*redacteur em chef*). *Histoire de l'URSS*. Moscou : Editions du Progrès, 1967. pág. 464

¹⁷⁴ BAILES, Kendall E. . *Technology and Society under Lenin and Stalin: Origins of the Soviet Technical Intelligenstia, 1917- 1941*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1978. Pág. 100.

¹⁷⁵ Ibidem, pág 101.

Nisso cada vez mais os soviéticos passam a ser dependentes de importações de maquinários industriais e tecnologia. E no período que compreende 1922 a 1928, “a tecnologia soviética era quase completamente transferida dos países ocidentais”¹⁷⁶. Assim há um descompasso nas relações comerciais, sobretudo com os Estados como, demonstra o gráfico¹⁷⁷:



(Fonte: <https://www.marxists.org/history/ussr/government/1928/sufds/ch13.htm>)

Conforme se demonstra no gráfico, as exportações soviéticas são incrivelmente baixas quando comparadas as importações de produtos norte-americanos, mas deve-se compreender que a desproporção da balança comercial está relacionado aos elementos de exportação soviéticos e os produtos importados americanos. A economia soviética ainda era bastante dependente da exportação do trigo e de grãos para a sua própria sobrevivência, enquanto os americanos exportavam produtos industrializados com maior valor agregado e tecnologia.

O abandono da Nova Política Econômica em 1928 em favor da planificação econômica soviética acelerou o processo de industrialização do país, e tal industrialização parece acompanhar o intuito comunista de autopreservação do regime, mas também servia como aporte para equilibrar a balança comercial soviética.

¹⁷⁶ SULTON, p.329.

¹⁷⁷ Dados informados pelo Comitê de Informação da União Soviética. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/ussr/government/1928/sufds/ch13.htm>. Tabela feita pelo autor.

É importante frisar que o desenvolvimento da indústria soviética nas duas décadas posteriores à Revolução foi possível tanto pelo apoio tecnológico norte-americano, como pelo potencial laboral soviético, com sua organização do trabalho a partir da ideologia comunista e ação direta do Estado no processo de industrialização. Mas a industrialização provocou uma transformação social na sociedade soviética.

Primeiramente, a própria economia soviética veio a sofrer com a falta de mão de obra¹⁷⁸ e no período compreendido entre 1928 a 1932 o número de empregados na URSS subiu de 11,5 milhões em 1926 para 24 milhões em 1932¹⁷⁹, e de trabalhadores industriais de 3 para 6 milhões¹⁸⁰ só que a industrialização trouxe contornos dramáticos.

Primeiramente o êxodo provocado, sobretudo no campo, fora ocasionado pelos desastres na implementação da coletivização, que trouxe miséria para milhões de pessoas que viviam em aldeias, a alteração demográfica, além de ter sido brutal: de 26 milhões de população urbana, o número saltou para 38, 7 milhões¹⁸¹. O governo passou a controlar os fluxos migratórios, mas a medida que avançava a coletivização aumentava a capacidade humana industrial.

Essa capacidade humana era inexperiente e tinha uma qualificação extremamente baixa¹⁸² e eram frequentes acidentes no interior das fábricas. Entretanto o governo soviético tinha pouco interesse em poupar o seu potencial humano no esforço de industrialização da sociedade, isso ficou claro com a utilização de trabalho forçado, “e em setores da economia, como a exploração florestal e mineira, o trabalho forçado foi um fator muito importante” por ser barato, mas o seu caráter impiedoso ceifava a vida de inocentes sem qualquer tipo de cerimônia.¹⁸³

Enquanto se programava um ritmo de produção de base taylorista nas fábricas, a ideologia comunista promovia uma hipervalorização do esforço laboral levando à emergência do movimento stakhanovista onde os “trabalhadores eram já recrutados e tratados como soldados em tempo de guerra”¹⁸⁴ na cruzada do proletariado internacional, o regime comunista tinha que lidar com a disciplina laboral e a baixa

¹⁷⁸ KENEZ, Peter. P. 130.

¹⁷⁹ Idem.

¹⁸⁰ Idem.

¹⁸¹ Idem.

¹⁸² Idem, p.132.

¹⁸³ Idem, p.131.

¹⁸⁴ Idem, p.131.

produtividade laboral. Numa economia em que a rápida industrialização não tinha interesse em elevar o padrão de vida da população e que se traduzia pelo subaproveitamento das “máquinas caras e muitas vezes de fabricação estrangeira”¹⁸⁵ com um trabalho de má qualidade com uma qualidade material de sua própria produção era alvo de críticos.¹⁸⁶

Era necessário tecnologia e gente capacitada “numa altura que a economia precisava desesperadamente de engenheiros”¹⁸⁷. O país necessitava de maquinaria e tecnologia ocidentais, segundo Kenez, os valores dos gêneros alimentícios eram absurdamente muito baixos por causa da crise de 1929, mas com a desvalorização produzida pela crise financeira foi possível pagar as importações, não sem sacrifício.¹⁸⁸

As exportações gêneros alimentícios passaram a ser o grande financiador da industrialização soviética e serviria como principal agente de acumulação de riqueza do tesouro nacional, associado ao trabalho:

316 *Tables*

Table 48. Grain exports, 1922/23–1938 (thousand tons)

1913	9182*
1921/22	0 ^b
1922/23	729
1923/24	2576
1924/25	569
1925/26	2016
1926/27	2099
1927/28	289
1929	178
1930	4764
1931	5056
1932	1727
1933	1683
1934	769
1935	1517
1936	321
1937	1277
1938	2054

Notes:

* Russian Empire.

^b Only 115 tons export recorded.

Source:

Vneshnyaya torgovlya (1960), 84, 110, 144, 179.

¹⁸⁵ KENEZ, p. 132.

¹⁸⁶ Ibidem.

¹⁸⁷ Idem, p.131.

¹⁸⁸ KENEZ, p. 133.

(Fonte: DAVIES, Robert William. HARRISON, Mark. *The Economic Transformation of the Soviet Union, 1913-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.p.316.)

Com o capital angariado pela a exportação de grãos, com exceção do período entre 1927 a 1929, os soviéticos puderam financiar o nascimento de seu parque industrial no exterior, mas deve-se ressaltar a série de sacrifícios impostos à população soviética, e, sobretudo os milhares de vítimas do trabalho escravo que pereceram diante o esforço soviético em promover a formação de uma indústria pesada na URSS.

O Primeiro Plano Quinquenal elevou as transações comerciais e técnicas com os ocidentais: “A *firma americana McKee aceitou estabelecer os projetos da usina metalúrgica de Magnitogorsk*”¹⁸⁹, desenvolvendo um parque industrial na Sibéria enquanto a companhia Hugh L. Cooper “*aceitou o contrato para a construção da grande represa e estação de energia hidrelétrica do Dnieper — um trabalho de construção que os soviéticos têm muito orgulho.*”¹⁹⁰ A famosa usina do Dnieper “*foi construída por trabalhadores e engenheiros soviéticos sob a supervisão de técnicos e engenheiros americanos*”¹⁹¹.

Outras empreiteiras americanas foram contratadas, como as companhias Stuart, James e Cooke que realizaram a construção das minas da bacia do Don, as companhias *A.G. McKee and Company, United Engineering and Foundry Company*, e a *Freyng Engineering Company* que construíram plataformas metalúrgicas nos Urais, além da *Albert Kahn and Associates* que estabeleceu contratos de arquitetura com o governo soviético.¹⁹²

Mas foi no setor de indústria pesada que o governo soviético realizou maiores avanços: “A *lista de companhias americanas que negociaram com os soviéticos nesses anos é longa e abrange alguns industriais como Ford, Dupont, General Electric,*

¹⁸⁹ SMINOV, I. op. cit. pág. 414. A cidade de Magnitogorsk foi uma das várias cidades industriais planejadas pelo governo soviético e construídas a partir do nada, segundo esse autor, o contrato dos americanos só não foi à frente devido “*à resistência dos americanos em confiar nos engenheiros soviéticos*”

¹⁹⁰ WASH, Warren. *RUSSIA and the Soviet Union*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1958. pág. 482.

¹⁹¹ Idem, *Ibidem*. A usina só foi terminada em 1932, sendo um trunfo político na conclusão do Primeiro Plano Quinquenal.

¹⁹² *Ibidem*.

American Arbestos e a Radio Corporation of America”¹⁹³. Ao todo, o The New York Times contabilizou 44 empresas “prestando ajuda” ao governo soviético.¹⁹⁴

Sobre o contrato soviético com a Ford, os veículos de imprensa internacional veicularam a seguinte notícia:

“Henry Ford têm encomendas para centenas de automóveis e tratores para serem enviados à Rússia tão rapidamente quanto a produção e o transporte permitirem. Homens de negócios e fazendeiros russos estão clamando por suas mercadorias e lá está aberto um permanente mercado russo para ele”.¹⁹⁵

Segundo Boris Mishell, entrevistado pelo *New York Tribune* à época, destacava que a abertura econômica bem como os contratos do governo soviético para a compra de tratores “irão comprovar entre as mais importantes fábricas a estimulação do comércio e agricultura na Rússia. Os homens de negócios e os camponeses têm trocado conosco conversas”.¹⁹⁶

Os contratos com a Ford foram tão bem sucedidos, que em 1927, 85% dos tratores produzidos na União Soviética eram de modelo norte-americano, apelidados de “*Fordsons*”, assim era plausível a abertura de novos acordos¹⁹⁷:

“Londres, 9 de junho — O correspondente do “The Times” em Riga afirma que os soviéticos fizeram um contrato com a Ford Motor Company para a compra de 74 000 carros motorizados em partes para a montagem na planta soviética em Nizhnyi-Novgorod (sic) por quatro anos. O valor é de £ 6.000.000. Após o término do contrato, os soviéticos terão assegurado o direito de construir eles próprios os modelos da Ford. O acordo integral não foi divulgado.

Os jornais soviéticos dizem que o Sr. Henry Ford assinou o acordo para opor-se aos sucessos de seus rivais, a General Motors Corporation. Eles admitem que tal acordo é uma partida da decisão anterior soviética de

¹⁹³ Ibidem.

¹⁹⁴ Artigo do The New York Times de 30 de novembro de 1930. Intitulado *44 AMERICAN FIRMS ARE AIDING SOVIET; List of Those Working on Contracts for 'Technical' Assistance Is Made Public in Washington. FACTOR IN FIVE-YEAR PLAN Commerce Department Holds Its Success Hinges on This Aid, Which Is Not Regarded as "investment" Assistance in "Five-Year Plan."* Contracting American Companies. Disponível apenas para usuários cadastrados: <http://select.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F30F14F83E5E10728DDDA90B94D9415B808FF1D3>. Acesso 6/04/2013. 14:40.

¹⁹⁵ Artigo do The New York Tribune. (New York [N.Y.]) de 30 Setembro de 1922. *Chronicling America: Historic American Newspapers. Lib. of Congress.* <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1922-09-30/ed-1/seq-4/>. Acesso em 06/07/2015.

¹⁹⁶ Artigo do New York Tribune. (New York [N.Y.]) de 30 de Setembro de 1922. *Chronicling America: Historic American Newspapers. Lib. of Congress.* <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1922-09-30/ed-1/seq-4/>. Acesso em 23/04/2013

¹⁹⁷ PATTERSON, op. cit., pág. 128.

*construir automóveis desse tipo. O “Pravda” diz que isso irá estimular os países ocidentais a desenvolver relações com os soviéticos;*¹⁹⁸

A construção da fábrica de automóveis em Nijni Novgorod acabou resultando na criação da Fábrica de Automóveis Gorky¹⁹⁹ (GAZ) que passou a ser construída em 1930 num terreno nas arredores da cidade e em 1932 já estava em pleno funcionamento.

O pleno controle do Estado na economia soviética, segundo alguns, fez com que a economia soviética não amargasse os efeitos da Crise de 1929, o Primeiro Plano Quinquenal (1928-1932) se tornou possível com o auxílio norte-americano. “*Muitos engenheiros norte-americanos tomaram empregos sob os contratos soviéticos e auxiliaram no desenvolvimento industrial nos dois primeiros planos quinquenais*”. Tais trabalhadores vieram à União Soviética tentando ter seus empregos garantidos frente ao cenário de recessão presente nos desdobramentos nefastos da Crise de 29.²⁰⁰

No entanto, um fato é curioso, entre 1928 a 1931, embora 83 % das compras que a companhia Amtorg²⁰¹ fez nos Estados Unidos tenham sido em “*produtos de maquinário, produtos de ferro e aço, veículos motorizados e partes, além de ferramentas de precisão*”, as compras soviéticas nunca passaram de 3% do volumes das exportações norte-americanas.²⁰²

Demonstrando a importância da assistência técnica numa sociedade em crescimento industrial, “*numerosas companhias americanas enviaram seus homens à URSS para instalar o maquinário e as plantas compradas pelos soviéticos e treinar os técnicos no uso e manutenção do equipamento*”²⁰³. Embora ainda houvessem aqueles “*que iam à Rússia Soviética não como investidores do capital americano, mas como entusiastas em participar da construção do estado dos trabalhadores*”²⁰⁴.

3.3 Os efeitos da Crise de 1929

Nos anos 1920, os Estados Unidos pareciam entrar numa era de conforto e prosperidade como raramente vistas na História do capitalismo, embora as questões

¹⁹⁸ Artigo do The West Australian de 11 de Junho de 1929, disponível em: <http://trove.nla.gov.au/ndp/del/article/32286569> Acesso em 06/04/2013. 15:09

¹⁹⁹ No original em russo: Горьковский автомобильный завод

²⁰⁰ WASH, Warren. op. cit. pág. 483.

²⁰¹ Companhia responsável por fazer as compras do governo soviético junto aos Estados Unidos.

²⁰² WASH, pág 484-485.

²⁰³ Ibidem, pág. 486.

²⁰⁴ CARR, op. cit, vol. 3. pág. 354.

trabalhistas ainda fossem resolvidas como caso de polícia, a sensação de prosperidade era uma questão elevada pela própria surpresa dos americanos em verem o país como o Canaã do leite e do mel após o desastre mortífero da guerra na Europa.

Em dezembro de 1928, Calvin Coolidge, presidente republicano, tornou-se enfático ao discursar:

“Nenhum presidente dos Estados Unidos já reunido até hoje para apreciar o estado da União viu-se diante de uma perspectiva mais agradável do que a que se apresenta no momento atual. No campo nacional há tranquilidade e contentamento e o recorde absoluto de anos de prosperidade”²⁰⁵

Mas a prosperidade aparente dos anos 20 era produto da concepção de um estado administrativo montado na Era Progressista, “cujas bases se encontravam na liberdade, na igualdade de oportunidades, na livre iniciativa e nos limites do poder do Estado”²⁰⁶

Os Estados Unidos optavam nessa época por uma doutrina liberal e progressista, na qual “as democracias, sobretudo a democracia americana, tem quase selvagememente, evitado o crescimento, dentro da nação de instituições corporativas o governo temesse”²⁰⁷. As administrações republicanas exacerbam as perseguições aos sindicatos, mas obstante, o próprio movimento trabalhista americano sofre de um processo de esvaziamento. “A introdução da linha de montagem representou uma aceleração do processo de desabilitação da força de trabalho”²⁰⁸, a constante iniciativa dos industriais americanos em “desabilitar seus trabalhadores, com aumento no nível de standardização e menor tempo de treinamento para as tarefas”²⁰⁹ reforçavam a dependência dos operários americanos às fábricas.

O cenário poderia ser apocalíptico para alguns, ou celestial para os outros, mas os lucros das empresas cresceram numa proporção absurda que não acompanhou o aumento salarial da população americana.

²⁰⁵ COOLIDGE, Calvin. Sixty Annual Message. December 4th, 1928. <http://www.presidency.uscb.edu/ws/index.php?pid=29569>. Acesso: 21/07/2015.

²⁰⁶ HOOVER, Herbert. “Speech by Hebert Hoover. Nova Iorque, 22 de Outubro de 1928”, apud COMMANGER, Henry S. Documents of American History Since 1898. Nova York: Gramercy Books, 1995, p. 225.

²⁰⁷ CROLY, Herbert. “The Future of the State”, The New Republic, set. 15, 1917. Pp.182-183.

²⁰⁸ LIMONCIC, Flávio. Os inventores do New Deal: Estado e sindicatos no combate à Grande Depressão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. P. 108.

²⁰⁹ Idem, p. 109.

Para alguns, a crise de 1929 está ligada em torno de uma sucessão de erros na gestão da política monetária do Federal Reserve pós Crash da Bolsa de Nova Iorque, assim como inadequações da política de comércio exterior, mas a partir dos desequilíbrios econômico-financeiros entre os diversos países europeus pós-Versalhes e da própria economia americana na superprodução agrícola e na concentração de renda é que a situação norte-americana passou a ficar mais delicada.²¹⁰

A Crise de 1929 foi a mais dura crise do capitalismo até então, com “o choque do mercado financeiro em 1929, o comércio internacional desabou e as principais figuras no mundo dos negócios clamaram pelo reconhecimento diplomático (soviético) no esforço de recuperar o comércio.”²¹¹. A deflação ocasionada pela superprodução norte-americana impulsionou a procura de novos mercados, no caso, um mercado que continuava sendo uma incógnita era a União Soviética.

Como é conveniente frisar não era possível prever a crise econômica internacional e esta “crise trouxe prestígio para a causa soviética em todo o mundo: as pessoas perceberam um contraste notável entre as economias em colapso do Ocidente capitalista e o fantástico ritmo de crescimento do primeiro estado socialista do mundo”²¹².

A Crise de 1929 torna a União Soviética um exemplo para o operariado mundial, mas isso não diminui o fato que a “crise econômica foi onerosa para União Soviética”, sobretudo porque os planejadores da economia soviética tiveram que lidar com um, problema cada vez mais claro, as importações de maquinário e tecnologia precisavam ser pagas a partir da exportação de grãos, só que os preços das commodities “encontravam-se muito baixos nos mercados ocidentais, e havia fome na União Soviética. Sem a crise econômica no estrangeiro, não teria sido necessário exportar tanto para receber tão pouco”.²¹³

As condições dos trabalhadores eram ruins na época do czarismo, mas pioraram após o Primeiro Plano Quinquenal.²¹⁴ “Após a boa colheita de 1930, seguiram-se dois anos ruins, e em 1932-1933 ocorreu o desastre. A União Soviética sofreu a maior fome

²¹⁰ LIMONCIC, p. 262.

²¹¹ JONES, Howard. *Crucible of Power: A History of American Foreign Relations from 1897*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2008. P. 152.

²¹² KENEZ, p. 133.

²¹³ Idem.

²¹⁴ Idem.

de sua história”²¹⁵, a produção agrícola na União Soviética tinha caído em 10 % no período entre 1928 a 1932²¹⁶, contudo a seca tomou proporções terríveis em 1933.

Nos Estados Unidos, os americanos também tiveram que conviver com os eventos terríveis da seca e da Depressão econômica levando a um fluxo migratório para as cidades não menos brutal ao que aconteceu na União Soviética.²¹⁷

Embora as economias mundiais sofressem com os efeitos da Crise, aos soviéticos surgiu uma oportunidade de romper o seu isolamento no mercado internacional, tendo em vista que as relações comerciais construídas e intensificadas com a Crise de 1929. Os industriais americanos inclusive usariam o mercado soviético para desafogar o excesso produtivo, assim, as relações comerciais desenvolvidas por ambos os países seriam um catalisador para o reconhecimento diplomático dos soviéticos.

3.4. Reconhecimento diplomático

“O primeiro plano quinquenal terminou no final de 1932[...]. Mesmo a imprensa burguesa não pode passar-se silenciosa sobre isso. A revista americana Nation escreveu em 1932: ‘Quatro anos do plano quinquenal trouxeram prodigiosas realizações. A União Soviética têm trabalhado com uma intensidade de tempos de guerra à tarefa criativa da construção dos fundamentos da vida nova. A transformação do país se tornará irreconhecível daqui um ano...’²¹⁸

O crescimento soviético sob a égide planejada foi de uma proporção dificilmente encontrada em todo o século XX, embora seja necessária um pouco de retidão com relação aos números, o fato da própria industrialização soviética ocorrer num contexto de crise do próprio capitalismo, demonstra uma peculiaridade do seu processo industrialista.

²¹⁵ KENEZ, p.138.

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ Basta a leitura do livro as Vinhas da Ira, de John Steinbeck, para ter noção da brutalidade que foi a crise de 1929 aos americanos.

²¹⁸ SMIRNOV, I. op. cit. pág. 425.

QUADRO VI

Índice da Produção Industrial Soviética

	1928	1937	1940	1950	1955
Dados oficiais Soviéticos .	100	446	646	1119	2065
Hodgman	100	371	430	646	—
Jasny	100	287	330-350	411	—
Clark	100	311	340	—	—
National Bureau	100	257	279	421	688
Shimkin	100	274	236	434	715

(Fonte: KINGSTON, Lucia Silva. *Evolução Econômica Soviética*. P. 121. Disponível em: <http://biblioteca.digital.fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/viewFile/1794/2748>. Acesso 08/07/2015.)

Gráfico indicativo em porcentagem do crescimento da produção industrial soviética

As próprias empresas norte-americanas não ficaram alheias ao processo de industrialização soviético, de fato, participaram ativamente desse processo. As relações comerciais que o governo soviético inicia com o capital norte-americano acabam se tornando um catalisador para o reconhecimento diplomático do próprio país.

A isso se tornou necessário o desenvolvimento de um tipo de diplomacia novo aos Estados Unidos, no qual os americanos deixariam de lado suas rivalidades ideológicas e optariam pelo pragmatismo nas relações internacionais.

Com “o choque do mercado financeiro em 1929, o comércio internacional desabou e as principais figuras no mundo dos negócios clamaram pelo reconhecimento diplomático no esforço de recuperar o comércio.”²¹⁹, mas não apenas isso, a iniciativa pelo reconhecimento diplomático dos soviéticos também passa pela noção geopolítica do entre-guerras:

“Outros proponentes do reconhecimento dos soviéticos temiam a expansão imperialismo japonês e acreditavam que uma revitalização da União Soviética poderia ajudar a restaurar o equilíbrio da balança de poder do mundo”²²⁰

Alguns membros influentes do Departamento de Estado tornaram-se opositores ferrenhos de qualquer iniciativa do governo norte-americano em reconhecer a diplomacia por motivos ideológicos, o chefe da Divisão de Assuntos do Leste Europeu

²¹⁹ JONES, Howard. *Crucible of Power: A History of American Foreign Relations from 1897*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2008. P. 152.

²²⁰ Idem, p. 152.

do Departamento de Estado, Robert Kelley, declarou em 1929, que a revolução bolchevique tinha um propósito nitidamente mundial e persuadiu o Departamento de Estado para a criação de especialistas no trato com movimentos potencialmente revolucionários.²²¹

Em 1933, Franklin Delano Roosevelt põe fim ao domínio republicano na política norte-americana. No seu discurso de posse, declarou solenemente a frase: “*The only thing we have to fear its the fear itself*. Roosevelt tomou a iniciativa de iniciar as conversações com os soviéticos, a despeito da recusa do próprio Departamento de Estado.²²²

“O estabelecimento do comércio (com os soviéticos) iria beneficiar tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética e a cooperação diplomática ajudaria a manter a paz quando a delicada fibra tecida em Versalhes que parecia desfiar em todo lugar”²²³

A iniciativa da administração Roosevelt para abrir as conversas com os soviéticos, poderia ter sido resultado da pressão do movimento trabalhista norte-americano, ou mesmo desejo de abrir relações comerciais com maior intensidade com a União Soviética. Mas é também plausível a questão geopolítica, tendo em vista que os japoneses atacaram o norte da Manchúria no final de 1931.²²⁴

“WARM SPRINGS, 26 (U.P.) — O presidente eleito, sr. Roosevelt, está estudando a questão do reconhecimento do governo dos Soviets (sic), com excelente disposição de espírito e isenção de preconceitos, de forma a adotar uma sanção que favoreça de qualquer modos os interesses do país. O sr. Roosevelt tem examinado a situação da Rússia, lendo livros, jornais e documentos da sua evolução política, tendo também feito consultas aos principais industriais americanos, sobre as vantagens do reestabelecimento das relações diplomáticas com a Rússia”²²⁵

Roosevelt fez “*consultas aos principais industriais americanos, sobre as vantagens do reestabelecimento das relações diplomáticas com a Rússia*”, o que demonstra que apesar de uma parte dos opositores acharem que “o presidente seguia um modelo comunista”²²⁶, a decisão de estabelecer relações passou pelas conselhos de industriais como Henry Ford, banqueiros como Vanderlip, mas também por figuras

²²¹ Ibidem.

²²² Idem, p. 153.

²²³ Idem.

²²⁴ Folha da Manhã, 20 de setembro de 1931. “A Capital da Manchúria foi ocupada pelas tropas japonesas”. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm/1931/09/20/1/>. Acesso: 08/07/2015. Pág. 3.

²²⁵ Artigo da Folha da Manhã de 27 de novembro de 1932 intitulado “*O reconhecimento do governo dos Soviets pelo Estados Unidos*”, disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/11/27/1/>. Acesso em 27/04/2013. 16:57. Pág. 4

²²⁶ JENKINS, Roy. *Roosevelt*; trad. Gleuber Vieira. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, pág. 89-90.

notáveis como Henry Morgenthau e William Bullit²²⁷. Bullit que anteriormente tinha demonstrado sua inabilidade pessoal em negociar com Lenin em 1919.

Roosevelt endereçou pessoalmente uma carta, “*um questionário pré-eliminatório*”, a Mikhail Kalinin, formalmente Presidente do Comitê Central da URSS e colega de Stálin, sobre a questão do reconhecimento americano aos soviéticos.²²⁸

Isso ia ao encontro do que o secretário de Estado Hull havia declarado no início de 1933, que: “*O Departamento de Estado está consciente do fato que o regime soviético está exercendo o poder e o controle no território do finado Império Russo*”.²²⁹

Em todo o caso, a base do reconhecimento americano sobre autoridade soviética passaria pelo “pagamento das dívidas russas para com os indivíduos ou firmas americanas anteriores à revolução de 1917”. Assim a proposta americana era de que seria criada uma empresa que iria representar todos os credores anteriores à revolução e “*todas as mercadorias que os Estados Unidos vendessem doravante à Rússia seriam despachadas por intermédio dessa firma e sobre elas seria cobrada uma taxa suplementar destinada ao pagamento daquelas dívidas*”²³⁰.

Entretanto, aparentemente as autoridades soviéticas se mostraram reticentes à essa fórmula, alegando que estavam “*negociando com outras nações tratados comerciais com a cláusula de nação mais favorecida e semelhante concessão aos Estados Unidos poderia pôr em perigo essas negociações*”²³¹

O senador William McAdoo traduziu em simples palavras a problemática da situação ao declarar após a sua viagem pela Europa, passando três dias na Rússia, ao jornal The New York Sun em 26 de outubro de 1933:

*Eu creio que é sábio iniciar as negociações pelo reconhecimento dos soviéticos [...] O comércio é importante para ambos os países e nós devemos ter cônsules nas grandes cidades se vamos continuar o intenso comércio com facilidade. O reconhecimento, é claro, não significa que nós aprovamos a forma de governo soviética*²³²

²²⁷ JONES, p. 153.

²²⁸ WASH, op. cit. pág. 486.

²²⁹ Idem, ibidem, pág. 483.

²³⁰ Artigo da Folha da Manhã de 17 de novembro de 1933, intitulado “*O reatamento das relações russo-norte-americanas*”, disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1933/11/17/1/>. Acesso em 27/04/2013. 17:41. Pág. 2

²³¹ Idem, Ibidem.

²³² Artigo do The New York Sun de 26 de outubro de 1933, intitulado, McAdoo for Soviet Recognition, disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2018/New%20York%20NY%20Sun/New%20York>

A União Soviética seria um novo mercado para os americanos, sobretudo quando se observa que o governo deste país estava interessado na modernização de seu maquinário e de sua produção industrial. A construção dessa diplomacia pragmática pelos americanos tem um toque pessoal do próprio Roosevelt²³³.

É curioso nesse contexto, que com a própria forma como o processo de reconhecido caminha, de forma tácita, que Roosevelt fizesse o seguinte comentário: “*Diga a Stálin que a sua atitude antirreligiosa está errada [...] Deus punirá vocês russos se continuarem a perseguir a Igreja*”²³⁴

O fato é que o próprio *The New York Herald Tribune* minimizou a problemática religiosa no estabelecimento das relações comerciais entre os dois países pois “seria deplorável a atitude da administração norte-americana, visto nada provar que a Rússia ameaça a crença religiosa dos estrangeiros estabelecidos em seu território”²³⁵;

Essa declaração é interessante, não só por demonstrar que havia pareceres favoráveis ao estabelecimento das relações bilaterais entre os dois países, bem como pareceres contrários bem definidos. No que toca às opiniões contrárias ao acordo entre os dois países, o fato de haver perseguições contra a religião na Rússia, além do próprio princípio de um estado ateu, ser utilizado como manobra de discurso para reforçar a contrariedade ao acordo.

Em meados de novembro de 1933, a administração Roosevelt convida Comissário de Assuntos Exteriores, Maxim Litvinov para um encontro na Casa Branca. Litvinov encontrou-se com Roosevelt e o secretário de Estado Hull, na Casa Branca, e os três assinaram os acordos em 16 de novembro de 1933, estabelecendo as relações diplomáticas entre os dois países.²³⁶

Interessante ressaltar que no mesmo dia 16 de novembro, data da assinatura do acordo, também marcou a nomeação de Morgetheau ao cargo de subsecretário do

[%20NY%20Sun%201933/New%20York%20NY%20Sun%201933%20a%20-%200016.pdf](#). Acesso em 27/04/2013.

²³³ JONES, p. 153.

²³⁴ PATTERSON, op. cit., pág. 129. Interessante ressaltar que em toda a sua vida política, Roosevelt, ao contrário de sua esposa, não se mostrou lá uma pessoa muito religiosa, como atenta Roy Jenkins em sua biografia do presidente norte-americano, mas pode demonstrar uma preocupação do presidente com relação à opinião pública americana a respeito da questão religiosa.

²³⁵ Fato descrito no artigo da Folha da Manhã de 17 de novembro de 1933, disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1933/11/17/1/>. Acesso em 27/04/2013. 19:35. Pág. 2

²³⁶ WASH, op. cit., pág. 486.

Tesouro e as tentativas do governo norte-americano de conter a evasão de dólares ao exterior, ao acúmulo de ouro por particulares, mostrando que a medida em torno do reconhecimento da União Soviética era diretamente relacionada à situação econômica turbulenta dos Estados Unidos.²³⁷

Em todo caso, a despeito desse fato, após a assinatura do acordo, William Bullit foi designado como primeiro embaixador americano junto a Moscou e “*dois anos depois retornou convencido que o governo soviético ‘é uma conspiração para cometer matanças e nada mais’*”, mudando de concepção provavelmente em virtude dos desdobramentos em torno das perseguições políticas no interior do Partido Comunista bem como a espionagem empreendida por alguns funcionários da embaixada.²³⁸

O início dessas relações entre os dois países ainda não tinha tido a repercussão devida no momento, mas a base para as relações entre ambos os países no cenário da década de 1930 e sobretudo no contexto da Segunda Guerra Mundial tinha sido iniciada.

A atmosfera gélida que permeou por quase dezesseis anos as relações entre ambos os países foi “abruptamente mudada quando Roosevelt concordou em encontrar com Litvinov por uma hora no dia 10 de novembro”²³⁹ Com a tensão posta, o presidente finalmente extraiu um sorriso de Litvinov quando ele recomendou que os dois se encontrassem privadamente para “eles pudessem, se necessário fosse, insultar um ao outro com impunidade”²⁴⁰.

²³⁷ Fato descrito no mesmo número de jornal, no artigo **A política monetária do presidente Roosevelt**.

²³⁸ PATTERSON, *Ibidem*.

²³⁹ JONES, p.154.

²⁴⁰ *Idem*, p.155.

Conclusão

As relações entre ambos países seguiram com estranhamentos e desconfianças, embora o Departamento de Estado tenha se mantido otimista. Stálin teria dito que a União Soviética deveria combinar “*a escala revolucionária russa*” com a “*abordagem de negócios americana*”²⁴¹.

A abordagem do crescimento soviético foi possível com o esforço de milhões de soviéticos em torno do trabalho em condições realmente incomensuráveis, e por vezes brutais. O modelo de desenvolvimento soviético alicerçado sob uma economia planificada não teria tido a mesma resposta, contudo, sem o suporte tecnológico norte-americano.

O estabelecimento de relações diplomáticas entre ambos os países não trouxe, contudo suporte para conter o imperialismo japonês²⁴² no Extremo Oriente. Mas consolidou a União Soviética como uma potência industrial. A necessidade soviética pela industrialização, associada à própria necessidade do capital norte-americano em se manter num cenário de crise, impulsionou as relações entre ambos os países.

É evidente que essas relações comerciais não foram tranquilas, mas elas impulsionaram o reconhecimento diplomático do novo governo instaurado a partir de Outubro de 1917. Dez anos após a Revolução Russa, os soviéticos orgulhosos de sua revolução, mantinham relações com a classe tão combatida pela Revolução: A burguesia.

Em 1927, 85% dos tratores soviéticos eram do modelo Ford, “*Ford’s Sons*”, e mesmo assim a Ford reclamava um prejuízo de US\$ 578,000, 00 de seus investimentos na União Soviética.²⁴³ Prejuízo esse que não chegava perto das perdas humanas de soviéticos na construção de um novo país.

O fantasma de Stálin continua a pairar sobre a Rússia, assim como o corpo de Lênin repousa no Mausoléu na Praça Vermelha. A industrialização soviética foi um

²⁴¹ PATTERSON, Thomas G. op. cit. pág. 128.

²⁴² JONES, p. 154.

²⁴³ Dados em PATTERSON, Thomas G. op. cit. pág. 128.

processo que custou milhões de vidas e de natureza violenta, seria talvez simplismo pregar ingenuidade nas relações entre ambos países, quando na realidade os quase dezesseis anos de conturbado estranhamento apresentavam posições absolutamente contrárias a qualquer aporte de relações entre ambos os países

Após vinte e quatro anos do fim da União Soviética, tanto a Rússia quanto os Estados Unidos voltam a se enfrentar no cenário diplomático, quando curiosamente o apoio norte-americano foi uma das ferramentas fundamentais para a consolidação desenvolvimento industrial da Rússia, que se mostrou tão importante na Segunda Guerra Mundial.

É curioso observar que os dois países no contexto de conturbadas relações internacionais, com uma hostilidade entre soviéticos e norte-americanos durante a Guerra Civil Russa, desenvolveram uma postura pragmática, a despeito dos elementos ideológicos. Os efeitos da Guerra Civil e o isolamento soviético em relação ao resto do mundo impulsionaram a mudança no próprio pensamento do governo bolchevique com relação às potências capitalistas ocidentais, e os comunistas desenvolveram relações comerciais com esses países como forma de alavancar o desenvolvimento industrial de sua própria economia para garantir a manutenção do projeto socialista encabeçado pela a União Soviética.

Os americanos participaram desse processo ativamente, inicialmente, como apoiadores das forças contrarrevolucionárias no interior da Rússia, posteriormente com o envio de tropas ao território russo, que sofria com uma prolongada Guerra Civil, até iniciarem ações de ajuda humanitária e relações comerciais com o governo soviético.

Os republicanos, que assumiram após a administração Wilson, mantiveram-se firmes e resolutos em relação ao governo soviético, recusando a abertura de relações diplomáticas entre ambos os países, apenas no cenário de crise, ocasionada pela própria Queda da Bolsa de 1929 e a invasão japonesa à Manchúria em 1931, que a diplomacia norte-americana passa a ter um papel pragmático, não só no ponto geopolítico, mas também no ponto de vista diplomático ao optar pelo reconhecimento diplomático do governo soviético depois de dezesseis anos sem definição.

Os dois países têm uma história em comum, que a despeito dos caminhos conturbados, tomados, sobretudo na Guerra Fria, não podem ser negligenciados pelo o

olhar de um historiador atento, afinal, embora apesar dos eventos difíceis entre ambas as nações, as relações iniciadas em 1933 entre os dois países serviram de suporte para a aliança entre União Soviética e Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial.

Deve-se concluir, que a consolidação industrial soviética foi um dos eventos mais difíceis e calamitosos na História, e teria sido provavelmente mais complicada senão apenas não fossem as relações construídas com outros países. O caso americano é mais curioso, sobretudo, porque estes se mantiveram alheios aos soviéticos no plano diplomático por um longo período de tempo, mas a despeito disso, optaram por uma saída pragmática ao reconhecer um governo potencialmente agressivo.

Tendo em vista os aspectos observados, conclui-se: as relações comerciais impulsionaram as diplomáticas entre os dois países. As relações comerciais foram construídas no esforço de industrialização soviética, cuja natureza teria se modificado não fossem as circunstâncias do cenário econômico internacional e as ações do capital americano em se mostrar ativo na industrialização russa. Essa iniciativa explicada com fins estratégicos encerrou o grande silêncio iniciado com a Revolução de Outubro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREW, Christopher M. *KGB: the inside story of its foreign operations from Lenin to Gorbachev*. London: Hodder and Stoughton, 1990.

AVRICH, Paul. *Russian anarchists and Civil War*. New York: AK Press, 2006.
Disponível em: <http://theanarchistlibrary.org/library/paul-avrich-russian-anarchists-and-the-civil-war.pdf>. Acesso: 07/07/2015.

BAILES, Kendall E. . *Technology and Society under Lenin and Stalin: Origins of the Soviet Technical Intelligentsia, 1917- 1941*. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1978.

BECKER, Jean-Jacques. *O Tratado de Versalhes*; tradução Constancia Egrejas — São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BRINKLEY, George. *The Volunteer army and allied intervention in south russia : 1917-1921; a study in the politics and diplomacy of the Russian Civil War*. Indiana: University of Notre Dame Press. 1966.

BRZEZINSKI, Zbiniew. *Ideologia e Poder na Política Soviética*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1963.

CARR, Edward. *The Bolshevik Revolution 1917-1923*. Vol. 2 et 3. New York: The Macmillan Company, 1953.

DAVIS, Donald E. et TRANI, Eugene P. *The first Cold War: the legacy of Woodrow Wilson in US-Soviet relations*. Columbia: University of Missouri Press, 2002.

DAVIES, Robert William. HARRISON, Mark. *The Economic Transformation of the Soviet Union, 1913-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

JONES, Howard. *Crucible of Power: A History of American Foreign Relations from 1897*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

KINGSTON, Lucia Silva. *Evolução Econômica Soviética*. P. 121. Disponível em: http://biblioteca_digital_fgv.br/ojs/index.php/rbe/article/viewFile/1794/2748. Acesso 08/07/2015.

KRIVOSHEEV, G.F. *Soviet Casualties and Combat Losses in the Twentieth Century*. London: Greenhill Books. 1998.

LOVELL, Stephen. *The Soviet Union, A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press. 2009,

MAGNOLI, Demétrio. *O mundo contemporâneo. Os grandes acontecimentos mundiais da Guerra Fria aos nossos dias*. 2. Ed, reform. São Paulo: Atual, 2008.

MONTEFIORE, Simon. *A Corte do Czar Vermelho* — São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PATTERSON, Thomas G. *American Foreign Relations: A History, Volume 2: Since 1895, Seventh Edition*. Boston: Cengage Learning, 2010. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=cGPRHM7j_6QC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

RADKEY, Oliver H. *The Unknown Civil War in Soviet Russia: A Study of the Green Movement in the Tambov Region 1920-1921*. Stanford: Hoover Institution, 1976.

REED, Scoot. *American "Intervention" in the Russian Civil War: 1918-1920: Why did President Woodrow Wilson decide to send American troops into Siberia and Northern Russia on August 16, 1918?* Disponível em: <http://pbma.grobbel.org/reed.htm>. Acesso: 27/03/2013. 22:48.

RECORD, Wilson. *The Negro and the Communist Party*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1951.

SERGE, Victor. O ano I da Revolução Russa. São Paulo: Boitempo Editores, 2007.

SULTON, Anthony. Western Technology & Soviet Economic Development: 1930-1945. Stanford: Stanford University Press, 1971.

SUNY, Ronald Grigor. The Cambridge History of Russia, Oxford: Oxford University Press, 2006.

SMINOV, I. (*redacteur em chef*). *Histoire de l'URSS*. Moscou : Editions du Progrès, 1967.

TROTSKY, Lev. A História da Revolução Russa. Vol. III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

WASH, Warren. *Russia and the Soviet Union*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1958.

WILLIAMS, Alastair Kocho. Russia's International Relations in Twentieth Century. New York: Routledge, 2013.

ZUMOFF, Jacob. The Communist International and US Communism, 1919-1929. Leiden: Brill Academic Publishers, 2014.

Fontes primárias

BUKHARIN, Nikolai Ivanovich. *ABC do Comunismo*. São Paulo: Global Editora, 1980.

OLGIN, Moissaye J. **BOLSHEVIKI'S CHIEF Records and Theories of Nicolai (sic) Lenine. "He Mistakes the Creation of his Mind for Realites"**
Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F30B17FC355E11738DDDAB0894DA415B878DF1D3>. Acesso em 12/03/13, 18h50min.

REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. Porto Alegre:L&PM, 2010.

Artigo do The New York Times, de 2 de dezembro de 1917, intitulado **Shall we abandon Russia? An argument that the United States is in position to prevent Slav Chaos from Helping Germany**. Do senador de Idaho William E. Borah. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F50B16FC355E11738DDDAB0894DA415B878DF1D3>. Acesso em 20 /03/ 2013, 16:54.

Artigo intitulado: **Trotsky warns to Entente Allies not to interfere — Bolsheviks resent protest by American and French missions against separate truce**. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F00E1EFB385F1B7A93C1A91789D95F438185F9> . Acesso em: 20/03/2013. 17:42.

Artigo **REED, Agitator on Rússia** do The New York Times, Disponível em:<http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F70B12F93A5E11738DDDA B0A94D9415B878DF1D3> Acesso em: 20/03/2013. 17:58.

Trecho da canção russa Прощание славянки (“*Adeus das mulheres eslavas*”), canção de apelo patriótico datada de 1912 que foi utilizada como hino não oficial do Exército Branco. Disponível em: http://www.stanford.edu/class/slavgen194a /audio/proshchanie_slavianki2.htm

Os primeiros parágrafos dos 14 foram publicados no The New York Times de 8 de janeiro de 1918, disponível em <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F60711FA385B11738DDD A00894D9405B888DF1D3> . Acesso em 22/03/2013. 16:58

Artigo do The New York Times de 28 de janeiro de 1919 intitulado **DEPLORES ALLIED POLICY IN RUSSIA; Information Director Terms Proposed Princes' Island Conference a Mistake. ASSAILS BOLSHEVIST RULE Calls Soviets Criminals, Controlling Only a Part of Country by Holdup Measurers. Asks Whom Allies Consulted. Predicts a Free Russia. Butler Assails Bolshevism**. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=FA0915FA3B5 D147A93CAAB178AD85F4D8185F9> .Acesso em 22/03/2013. 19:35

Artigo do The New York Times de 25 de março de 1919 intitulado **“SAYS ALLIES FAILED TO HELP KAROLYI; Creel Ascribes Bolshevist Upheaval in Hungary to Inaction of the Peace Conference.HAD AMPLE WARNING OF IT Made No Effort to Guard Provisional Boundaries Fixed by Armistice and None Was Respected. Karolyi Was for Wilson's Ideas. Quick Action Necessary. Edgar Sisson Skeptical.”**. Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F70613FB385511738DDDAC0A94DB405B898DF1D3>. Acesso em 22/03/2013. 19:53

Artigo do The New York Times de 8 de abril de 1920 intitulado: **Denikin fugitive on British warship Flees from Russian Embassy in Constantinople after murder there of his Staff Chief.** Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F60910F73A55157A93CAA9178FD85F448285F9>. Acesso em 27 de março. 23:57.

Artigo do The New York Times de 7 de abril de 1920 intitulado: **Denikin resigns; His Chief Aid Slian; Wrangel to Take Command of the Anti-Bolshevist Forces in Crimea.** Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F30F16F73A55157A93C5A9178FD85F448285F9> Acesso em 28 de março de 2013. 15: 47.

Artigo do The New York Times de 2 de novembro de 1920 intitulado: **RED OVERWHELM WRANGEL'S FRONT; Centre of His Army Broken and Wings Apparently Crushed, Sebastopol Reports. PEREKOP IN HANDS OF FOE Southern Commander in Chief Prepares to Withdraw His Forces to the Crimea.** Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F40F17FC355411738DDDAB0894D9415B808EF1D3> Acesso em 28 de março de 2013, 16:14.

Artigo do The New York Times de 3 de novembro de 1920 intitulado: **Wrangel's Defeat.** Disponível em: <http://query.nytimes.com/mem/archive-free/pdf?res=F40E14FA355411738DDDAA0894D9415B808EF1D3>. Acesso em 28 de março de 2013. 16: 27.

Artigo do The New York Times de 30 de novembro de 1930. Intitulado **44 AMERICAN FIRMS ARE AIDING SOVIET; List of Those Working on Contracts for 'Technical' Assistance Is Made Pubic at Washington. FACTOR IN FIVE-YEAR PLAN Commerce Department Holds Its Success Hinges on This Aid,**

Which Is Not Regarded as "investment" Assistance in "Five-Year Plan." Contracting American Companies. Disponível apenas para usuários cadastrados: <http://select.nytimes.com/gst/abstract.html?res=F30F14F83E5E10728DDDA90B94D9415B808FF1D3>. Acesso 6/04/2013. 14:40.

Artigo do The West Australian de 11 de Junho de 1929, disponível em: <http://trove.nla.gov.au/ndp/del/article/32286569>. Acesso em 06/04/2013. 15:09

Artigo do The New York Sun de 26 de outubro de 1933, intitulado, McAdoo for Soviet Recognition, disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2018/New%20York%20NY%20Sun/New%20York%20NY%20Sun%201933/New%20York%20NY%20Sun%201933%20a%20-%2000016.pdf>. Acesso em 27/04/2013. 19:00

Artigo da Folha da Manhã de 17 de novembro de 1933, intitulado “O reatamento das relações russo-norte-americanas”, disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1933/11/17/1/>. Acesso em 27/04/2013. 17:41.

Artigo da Folha da Manhã de 27 de novembro de 1932 conseguido por acaso numa das andanças do autor, intitulado “O reconhecimento do governo dos Soviets pelo Estados Unidos”, disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/11/27/1/>. Acesso em 27/04/2013. 16:57.

The Seattle star. (Seattle, Wash.), 31 Jan. 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers.* Lib. of Congress. <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn87093407/1919-01-31/ed-1/seq-1/> Acesso: 04/06/2015.

New-York tribune. (New York [N.Y.]), 01 Fev. 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers.* Lib. of Congress. <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1919-02-01/ed-1/seq-4/>. Acesso em 04/06/2015.

BERNSTEIN, Hermann. Grand Duke Nicholas Guided by Spiritualism in His Conduct of War. The New York Herald, 2/07/1918. Disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2014/New%20York%20NY%20Herald/New%20York%20NY%20Herald%201918/New%20York%20NY%20Herald%201918%20-%204914.pdf>. Acesso 10/07/2015

BERNSTEIN. Nihilist newspaper makes death threat against Lenine. New York Herald 5/07/1918. Disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2014/New%20York%20NY%20Herald/New%20York%20NY%20Herald%201918/New%20York%20NY%20Herald%201918%20-%204967.pdf> . Acesso 10/07/2015.

BERNSTEIN. The New York Herald. 20 de outubro de 1918. Disponível em: <http://fultonhistory.com/Newspaper%2016/Syracuse%20NY%20Herald/Syracuse%20NY%20Herald%201918/Syracuse%20NY%20Herald%201918%20-%205253.pdf>

Artigo do *New York tribune*. (New York [N.Y.]), 11 de março de 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress., disponível em: <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1919-03-11/ed-1/seq-4/> Acesso em 23/04/2013.

Artigo do *The Liberal democrat*. (Liberal, Kan.) de 11 de Novembro de 1920. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Acesso em 23/04/2013

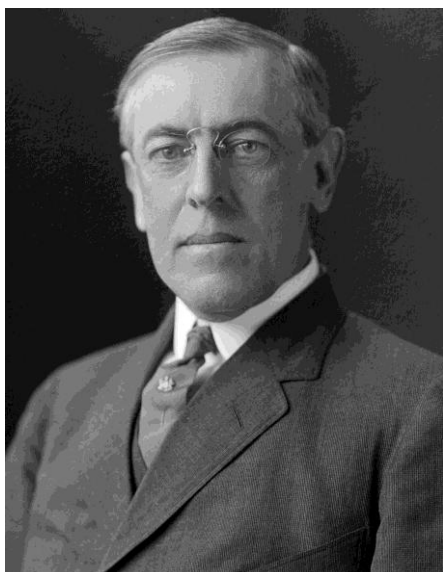
Artigo do *New York tribune*. (New York [N.Y.]), de 31 de Dezembro de 1919. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1919-12-31/ed-1/seq-5/>. Acesso em 23/04/2013. 22: 16

Artigo do *The New York tribune*. (New York [N.Y.]) de 30 Setembro de 1922. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1922-09-30/ed-1/seq-4/>. Acesso em 06/07/2015.

Artigo do *New York Tribune*. (New York [N.Y.]) de 30 de Setembro de 1922. *Chronicling America: Historic American Newspapers*. Lib. of Congress. <http://chroniclingamerica.loc.gov/lccn/sn83030214/1922-09-30/ed-1/seq-4/>. Acesso em 23/04/2013

Artigo do *The West Australian* de 11 de Junho de 1929, disponível em: <http://trove.nla.gov.au/ndp/del/article/32286569>. Acesso em 06/04/2013.

ANEXOS



Woodrow Wilson, presidente dos EUA entre 1912 a 1921, entrou com uma proposta antibelicista, mas acabou por tomar medidas mais duras com o passar dos anos, sobretudo com a Rússia.²⁴⁴



Nikolai Bukharin, “o teórico do Partido”, nas palavras do próprio Lenin, foi um grande entusiasta da NEP e uma voz moderada nos quadros do Partido Bolchevique.²⁴⁵



Tropas norte-americanas na rua Svetlana em Vladivostok²⁴⁶

²⁴⁴ Foto em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4d/Woodrow_Wilson-H%26E.jpg acesso em 06/04/13. 17:19.

²⁴⁵ Foto em: <http://en.valka.cz/files/bukharin1.jpg>. Acesso em 06/04/2013. 17:21.

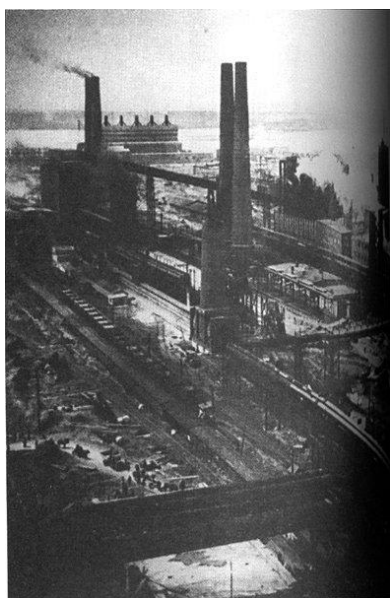
²⁴⁶ Foto disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/d/df/American_troops_in_Vladivostok_1918_HD-SN-99-02013.JPEG. Acesso: 10/07/2015



Local da construção da Fábrica de Automóveis Gorky (GAZ) em 1930.²⁴⁷



Fábrica de tratores construída em Chelyabinsk com apoio de empresas americanas.²⁴⁸



Magnitogorsk, a cidade industrial erigida do nada. Uma empresa americana tinha ganho um contrato com o governo soviético, que posteriormente foi revogado.²⁴⁹

²⁴⁷ Foto disponível em: <http://www.volga.nl/images/Bouwplaats1930.jpg> Acesso em 06/04/13. 17:31

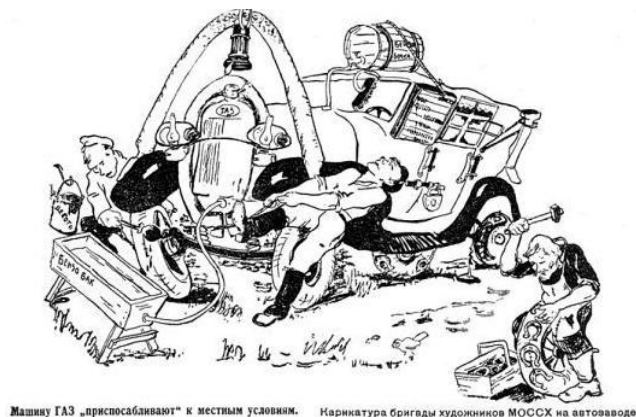
²⁴⁸ Foto em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0d/Chelyabinsk_tractor_factory_1930s.jpg. Acesso em: 06/04/13. 17:35.



Foto²⁵⁰ do GAZ-A

produzido na URSS, muito parecido com os automóveis Ford da época, como o Ford A.

Charge soviética de 1934 demonstrando a dificuldade do povo em lidar com os automóveis da GAZ.²⁵¹



Litvinov apresentando suas credenciais a FDR segundo charge da época, ao fundo, o pequeno ursinho Ted (em referência ao tio de FDR, Teddy Roosevelt) fala a um urso na mala de Litvinov: “Então você é o grande urso malvado!”²⁵²

²⁴⁹ Em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e0/Magnitogorsk_steel_production_facility_1930s.jpg. Acesso em 06/04/13. 17:40

²⁵⁰ Foto disponível em: http://www.o5m6.de/gaz-a_3.jpg. Acesso em 06/04/13. 17:44.

²⁵¹ Charge disponível em SIEGELBAUM, Lewis H. *Cars for comrades: the life of Soviet automobile*. Cornell University Press, 2008. pág. 54.

²⁵² Em: PATTERSON, Thomas G. *American Foreign Relations: A History, Volume 2: Since 1895, 7th Edition*. p.127

**4. U.S. Recognition of the Soviet Union
16 November 1933**

**The White House, Washington
November 16, 1933**

My dear Mr. Litvinov: I am very happy to inform you that as a result of our conversations the Government of the United States has decided to establish normal diplomatic relations with the Government of the Union of Soviet Socialist Republics and to exchange ambassadors. I trust that the relations now established between our peoples may forever remain normal and friendly, and that our Nations henceforth may cooperate for their mutual benefit and for the preservation of the peace of the world.

I am, my dear Mr. Litvinov,
Very sincerely yours,

FRANKLIN D. ROOSEVELT

Washington
November 16, 1933

My dear Mr. President:

I am very happy to inform you that the Government of the Union of Soviet Socialist Republics is glad to establish normal diplomatic relations with the Government of the United States and to exchange ambassadors.

I, too, share the hope that the relations now established between our peoples may forever remain normal and friendly, and that our Nations henceforth may cooperate for their mutual benefit and for the preservation of the peace of the world.

I am, my dear Mr. President,
Very sincerely yours,

MAXIM LITVINOV
People's Commissar for Foreign Affairs, Union of Soviet Socialist Republics

Preâmbulo do documento de reconhecimento diplomático soviético.²⁵³

²⁵³ Disponível em: <http://www.fransamaltongvongesusau.com/documents/d11/h3/1.3.4.pdf> Acesso: 10/07/2015